



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARCIA LUIZA TRASKURKEMB FUNATSU

**ANTÔNIO VIEIRA E O SERMÃO COMO
INSTRUMENTO CULTURAL NO SÉCULO XVII: UMA
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO SERMÃO DA
SEXAGÉSIMA**

**CAMPINAS
2015**

MARCIA LUIZA TRASKURKEMB FUNATSU

**ANTÔNIO VIEIRA E O SERMÃO COMO
INSTRUMENTO CULTURAL NO SÉCULO XVII: UMA
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO SERMÃO DA
SEXAGÉSIMA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Filosofia e História da Educação.

Orientadora: Lidia Maria Rodrigo

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA: Marcia
Luiza Traskurkemb Funatsu, E ORIENTADA PELA
PROF. (A) DR.(A) Lidia Maria Rodrigo

**CAMPINAS
2015**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

F962a Funatsu, Marcia Luiza Traskurkemb, 1962-
Antônio Vieira e o sermão como instrumento cultural no século XVII : uma interpretação a partir do Sermão da Sexagésima / Marcia Luiza Traskurkemb Funatsu. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Lidia Maria Rodrigo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Vieira, Antônio, 1608-1697, Sermão da Sexagésima. 2. Retórica - Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Brasil - História - Período colonial - 1500-1822. I. Rodrigo, Lidia Maria, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Antônio Vieira and the sermon as a cultural instrument in the seventeenth century : an interpretation from the Sixtieth Sermon

Palavras-chave em inglês:

Vieira, Antônio, 1608-1697, Sixtieth Sermon

Rhetoric -Aspects religious - Christianity

Brazil - History - Period Colonial - 1500-1822

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Lidia Maria Rodrigo [Orientador]

César Aparecido Nunes

Antonio Carlos de Souza

Data de defesa: 11-12-2015

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ANTÔNIO VIEIRA E O SERMÃO COMO
INSTRUMENTO CULTURAL NO SÉCULO XVII: UMA
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO SERMÃO DA
SEXAGÉSIMA**

Autora : Marcia Luiza Traskurkemb Funatsu

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lidia Maria Rodrigo

COMISSÃO JULGADORA:

**Prof.^o Dr.^o César Aparecido Nunes
Prof.^o Dr.^o Antônio Carlos de Souza**

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2015

Ao Marcos Antônio, esposo e companheiro, que compreendeu
e sempre me apoiou em todos os momentos.

Essa vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus princípio e fim de todas as coisas, por não me deixar desistir, mesmo nos momentos de insegurança.

Aos meus pais: João Traskurkemb *in memoriam* e Diva, por tudo que me ensinaram.

À Profa. Dra. Lidia Maria Rodrigo, pela orientação, paciência e presteza em me atender sempre que necessário.

Ao Prof. Dr. César Aparecido Nunes, pelo apoio e incentivo de sempre. Sei da importância que teve, certamente fez parte dessa realização.

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza, pela presença na banca da qualificação e defesa. Suas sugestões certamente valorizaram e enriqueceram o trabalho.

Aos meus colegas de curso, pelos bons momentos de estudo e reflexão em grupo, em especial à Erica Frau, ícone na fraternidade intelectual e na generosidade em repartir comigo seus conhecimentos.

À amiga Marilene Prezzotto que carinhosamente fez a revisão desta dissertação. De igual modo, agradeço à amiga Marivete Bassetto de Quadros que se dispôs a ler esse trabalho. Vocês são amigas que moram do lado “esquerdo do peito”.

Enfim, obrigada a todos aqueles que, embora não citados, acompanharam-me nesta trajetória, torceram por mim e contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Para falar ao vento, bastam palavras, para falar ao coração,
são necessárias obras.

Antônio Vieira

RESUMO

A presente dissertação apresenta um estudo sobre o sermão como instrumento cultural, no século XVII, uma interpretação focada na análise do Sermão da Sexagésima do padre Antônio Vieira. A pesquisa teve como objetivo analisar a importância do sermão como ferramenta pedagógica e de mobilização política e social e sua contribuição para a formação cultural brasileira no século XVII. A temática proposta é abordada com base na contextualização histórica e cultural da retórica cristã, como pano de fundo para compreender o sermão como instrumento cultural e sua função política no Brasil no período em questão. O percurso metodológico partiu do estudo bibliográfico apoiado em leituras, reflexões e confrontação das ideias dos autores que se dedicaram ao estudo do tema. A pesquisa está estruturada em três capítulos: o primeiro expõe o percurso histórico-cultural da retórica clássica à retórica cristã, o segundo contempla um estudo da estrutura argumentativa do sermão de Antônio Vieira e o terceiro apresenta uma reflexão sobre o sermão católico, particularmente o Sermão da Sexagésima como instrumento cultural no século XVII. Foi possível constatar a importância do Sermão da Sexagésima como ferramenta pedagógica na transmissão de valores e de um ideário de homem ajustados à formação cultural brasileira do período analisado.

Palavras-chave: Retórica cristã. Antônio Vieira. Sermão da Sexagésima. Brasil colônia.

ABSTRACT

This dissertation presents a study about the sermon as a cultural instrument, in the seventeenth century, an interpretation focused on the analysis of the Sixtieth Sermon, by Priest Antônio Vieira. This research aimed to analyze the importance of the sermon as a pedagogical tool, political and social mobilization and its contribution to Brazilian cultural education in the seventeenth century. The proposed theme is addressed according to the historical and cultural contextualization about the Christian rhetoric, as a background to understand the sermon as a cultural instrument and its political function in Brazil and in that period. The methodological course is based on bibliographical studies, such as readings and confrontation of ideas by authors who have dedicated to the study of this theme. The research is divided into three chapters: the first chapter presents the historical and cultural course from the classical rhetoric to Christian rhetoric, the second one includes a study of the argumentative structure of Antônio Vieira's sermon and the third chapter presents a reflection about the Catholic sermon, especially the Sixtieth Sermon as a cultural instrument in the seventeenth century. It was possible to find the importance of the Sixtieth Sermon as a pedagogical tool about the transmission of values and a set of ideas presented by a compromised man to Brazilian cultural formation in the analyzed period.

Keywords: Christian Rhetoric. Antônio Vieira. The Sixtieth Sermon. Colonial Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – DA RETÓRICA CLÁSSICA À RETÓRICA CRISTÃ: PERCURSO HISTÓRICO-CULTURAL	14
1 Sentidos e funções da retórica	14
2 A Herança da retórica clássica aristotélica	18
3 Influência da retórica latina	19
4 Oscilações da retórica cristã na idade média: Santo Agostinho e Tomás de Aquino	22
5 A Companhia de Jesus no quadro da contrarreforma	28
5.1 Os jesuítas e o <i>Ratio Studiorum</i>	33
6 Um missionário a serviço da retórica cristã	37
CAPÍTULO II – ANÁLISE DA ESTRUTURA ARGUMENTATIVA DO SERMÃO DE ANTÔNIO VIEIRA	41
1 O gênero discursivo sermão	41
2 Arquitetura e significado do sermão da Sexagésima	44
3 Conteúdo temático	46
4 Argumentos do sermão	53
5 Algumas figuras retóricas contidas no sermão da Sexagésima	57
CAPÍTULO III – O SERMÃO CATÓLICO COMO INSTRUMENTO CULTURAL NO SÉCULO XVII	61
1 O papel dos jesuítas na formação da cultura brasileira	61
2 O sermão católico no século XVII e a sermonística de Vieira	65
3 O sermonista Vieira e o púlpito	67
4 O Sermão da Sexagésima como instrumento cultural no século XVII	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

A produção sobre Antônio Vieira tem ocupado um considerável espaço em estudos e pesquisas, principalmente na área de Literatura e Linguística. Ainda hoje muitos pesquisadores e estudiosos no âmbito das Ciências Humanas se debruçam a estudá-lo e tê-lo como referência em pesquisas acadêmicas sobre a cultura luso-brasileira.

Isso se justifica pelo que Hayashi *et al* (2012, p. 97) evidencia em seu estudo: *A obra do Padre Antonio Vieira na agenda das pesquisas acadêmicas no Brasil*: “[...] os escritos vieirenses estão perpassados, a um só tempo, por uma gama substantiva de temas que vão da teologia à diplomacia, passando pela filosofia, linguística, educação, política, economia, história e retórica latina”.

Antônio Vieira (1608-1697) nasceu em Portugal na cidade de Lisboa, e ainda criança veio para o Brasil com a família viver na cidade de Salvador/BA, local onde iniciou seus estudos e teve despertada sua vocação religiosa, tornando-se jesuíta, orador, missionário e político. Segundo Vainfas (2015) pode-se dizer que Vieira foi o principal jesuíta luso-brasileiro do século XVII.

Embora já se tenham passado mais de quatro séculos de seu nascimento, padre Antônio Vieira continua sendo um personagem histórico importante para a cultura brasileira. Suas obras compostas de, aproximadamente, 200 sermões e 500 cartas continuam impressionando leitores e estudiosos que se debruçam ao estudo desse orador eloquente, cuja influência foi notória na religião, na política e no aspecto sociocultural do Brasil colonial do século XVII.

A escolha desse autor e de seu importante Sermão da Sexagésima como objeto de estudo foi movida pelo desejo de aprofundar o debate e contribuir para sua discussão na área da Educação. A pesquisa teve início a partir da seguinte indagação: no quadro da retórica cristã qual a importância do gênero discursivo sermão como instrumento cultural, particularmente o Sermão da Sexagésima de Antônio Vieira, do ponto de vista de sua função político-cultural na sociedade brasileira do século XVII?

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a importância do sermão como ferramenta pedagógica e de mobilização política e social e sua contribuição para a formação cultural brasileira no século XVII. E os objetivos específicos foram: a)

examinar o percurso histórico-cultural da retórica clássica à retórica cristã; b) analisar a estrutura argumentativa do sermão da Sexagésima; c) compreender a relação entre o Sermão da Sexagésima como instrumento cultural e a política católica portuguesa no Brasil do século XVII.

Para percorrer esse caminho foi utilizada a pesquisa qualitativa, a partir da análise bibliográfica centrada no levantamento temático e reflexivo, na apropriação de categorias analíticas já produzidas na área de história e filosofia da educação brasileira. Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos a análise bibliográfica concentrou-se na perspectiva de compreender o sermão católico como instrumento cultural no Brasil do século XVII.

A dissertação apresenta os resultados dos estudos e da pesquisa realizados, e está estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta uma sucinta abordagem do percurso histórico-cultural da retórica clássica à retórica cristã, mais especificamente, a influência dos pensadores Aristóteles – representante da retórica clássica – e Cícero e Quintiliano – representantes da retórica latina. Aborda ainda Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, como representantes da retórica cristã, relacionando-os à retórica utilizada por Antônio Vieira na elaboração de seus sermões, em especial, o da Sexagésima.

O primeiro capítulo contempla ainda um estudo sobre a Contrarreforma e a fundação da Companhia de Jesus, ordem religiosa à qual Antônio Vieira pertenceu. Tratará também do *Ratio Studiorum*,¹ o plano de estudos que propõe uma educação religiosa segundo os princípios dos jesuítas, presentes também nos valores e ideais difundidos por Vieira em seus sermões, dentre eles o Sermão da Sexagésima, objeto de estudo deste trabalho.

O segundo capítulo trata de questões específicas relacionadas à estrutura argumentativa do sermão da Sexagésima, ou seja, sua arquitetura, seu significado, seu conteúdo temático, cuja base foi a parábola do Semeador, texto bíblico do Evangelho de São Lucas. Nesse capítulo também são postas em evidência suas figuras retóricas. Ressalta-se que o sermão em sua composição seguiu o modelo dos sermões da época: *prólogo, argumentação e peroração*.

¹ Segundo Hansen (2001, p. 13) *Ratio Studiorum* é “[...] um conjunto de normas, que definiam saberes a serem ensinados e condutas a serem inculcadas, e um conjunto de práticas, que permitiam a transmissão desses saberes e a incorporação de comportamentos, normas e práticas”.

O terceiro capítulo disserta sobre o sermão católico como instrumento cultural no século XVII, destacando-se o papel que os jesuítas desempenharam em nossa formação cultural, dentre eles padre Antônio Vieira. Apresenta-se ainda nesta parte da pesquisa o sermão católico, que naquele período, juntamente com o sacramento e o sacerdócio, compunham a tríade que serviu de suporte para nossa colonização. Assinala-se, ainda, a importância da sermonística vieirense e a função do sermão da Sexagésima enquanto ferramenta pedagógica que serviu como instrumento de aculturação de nossa sociedade nesse período. Por fim, as considerações finais apresentam as reflexões realizadas à luz do referencial teórico.

Apesar da relevância dos sermões do Padre Vieira e dos estudos em diferentes áreas do conhecimento, ainda existem poucos estudos analisando o Sermão da Sexagésima em uma perspectiva educacional – compreendida aqui como um processo formativo e cultural, sendo inegável a importância do padre Antônio Vieira no processo de colonização do Brasil.

Há a expectativa de que este estudo não se esgote aqui, e que ele apresente alguma contribuição aos que pretendem se debruçar nos estudos sobre o trabalho desenvolvido por Antônio Vieira, em específico, em relação à formação da cultura brasileira.

CAPÍTULO I DA RETÓRICA CLÁSSICA À RETÓRICA CRISTÃ: PERCURSO HISTÓRICO-CULTURAL

Este capítulo tem por objetivo examinar as bases e a constituição da retórica cristã, na qual se insere o padre Antônio Vieira. Para tanto, inicialmente, discorre-se sobre os sentidos e funções da retórica. A seguir está apresentada a retórica clássica aristotélica e a retórica latina, pois foram os preceitos do pensador grego Aristóteles e dos pensadores latinos Marco Túlio Cícero e Marco Fábio Quintiliano que subsidiaram a formação e atuação dos professores de retórica no *Ratio Studiorum*.

O Padre Antônio Vieira, instruído na retórica cristã jesuítica, recebeu as influências desses pensadores em sua formação, as quais contribuíram para a elaboração de seus sermões, dentre eles o da Sexagésima,² objeto da pesquisa.

Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, importantes representantes da retórica cristã em sua fase inicial, serão ressaltados neste trabalho por terem influenciado de forma significativa a retórica jesuítica. Suas obras serviram de suporte para Vieira construir seus sermões.

Como parte do contexto histórico apresenta-se a Reforma Protestante e a Contrarreforma, relevantes movimentos religiosos ocorridos na Europa entre o final do século XV e início do século XVI, com a finalidade de ressaltar que, dentre suas principais consequências, ocorreu o surgimento da Companhia de Jesus, ordem religiosa na qual o padre Antônio Vieira estudou, formou-se e passou a atuar como membro durante toda sua vida.

Na finalização deste capítulo se destaca a trajetória pessoal, intelectual e política do padre Antônio Vieira e do sermão da Sexagésima, visando destacar o sentido de sua contribuição para a formação cultural brasileira no século XVII.

1 Sentidos e funções da retórica

Definir o termo retórico não é uma tarefa fácil, pois possui sentidos diversos e, por vezes, discordantes. No senso comum é entendido como sinônimo de algo falso,

² No próximo capítulo será abordado o Sermão da Sexagésima de forma mais específica.

artificial, exageradamente pomposo, dentre outros adjetivos pejorativos, sem rigor algum nem conhecimento de seu valor e de sua sólida tradição.

De acordo com Nascimento (2007, p. 22) a retórica passou de “[...] uma rica tradição de conhecimento, tão antiga quanto a própria Civilização Ocidental à transformação em sinônimo de coisa embolada, artificial, declamatória ou falsa.” Esse fenômeno é extremamente nocivo, ocasionado pelo desconhecimento do sentido técnico desse termo.

Na modernidade, o homem, ao pensar em retórica, imagina-a como algo obsoleto, sem valor prático e, portanto, desnecessária. Segundo Nascimento (2007, p. 22), “[...] Esse processo de declínio da retórica está nas origens da própria *episteme* moderna”, que, ao suprimi-la dos programas de ensino da Europa no século XIX, silencia-a em nome do progresso e da ciência.

No início dos anos 60 do século XX, os acadêmicos da área de Linguística a redescobrem e logo procuram devolver certo prestígio ao vocábulo, associando-o às mudanças que passam a ocorrer nesses novos tempos, contudo surgem duas posições distintas relacionadas ao seu sentido.

Na primeira posição, de que faziam parte Charles Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, a retórica era vista como arte de argumentar com a finalidade de convencer. Na segunda, que tinha como adeptos Morier, G. Genette, J. Cohen e o grupo UM,³ a retórica era um estudo de estilo e, mais particularmente, das figuras de linguagem, constituindo-se naquilo que torna literário um texto (REBOUL, 2000, p.XIII).

Ao se analisar o sermão da Sexagésima do padre Antônio Vieira é possível constatar que ele faz uso desses dois sentidos da retórica, pois seu texto é constituído de argumentações e figuras de linguagem.

Retomando a definição de retórica, Reboul (2000, p. XVI) a define como a arte (*techné*)⁴ de persuadir pelo discurso, a qual deve ser utilizada para diferentes fins e levar sempre alguém a crer em algo, podendo vigorar tanto no campo político como religioso. O padre Antônio Vieira, ao pregar o Sermão da Sexagésima, fez uso

³ Grupo interdisciplinar de linguistas e semióticos belgas da Universidade de Lieja, também conhecido como "Grupo de Lieja".

⁴ Reboul (2000, p. XVI) faz o seguinte esclarecimento quanto ao uso do termo *techné*: “[...] é ambíguo, e até duplamente ambíguo. Em primeiro lugar, porque designa tanto uma habilidade espontânea quanto uma competência adquirida através do ensino. Depois, porque designa ora uma simples técnica, ora, ao contrário, o que na criação ultrapassa a técnica e pertence somente ao ‘gênio’ do criador. Em qual ou em quais desses sentidos se está pensando quando se diz que a retórica é uma arte? Em todos”.

da persuasão com grande desenvoltura, explorando-a tanto no âmbito da política e da religião.

As quatro funções que Reboul (2000) atribui à retórica serão analisadas com a finalidade de se compreender melhor como podem servir aos que delas se utilizam.

De acordo com o autor, a primeira função da retórica seria a *persuasiva*, compreendendo a argumentação e a oratória. Segundo ele, é a mais evidente e a mais antiga. Essa função se relaciona às competências da razão (argumentação) e aos meios que dizem respeito à afetividade (oratória), considerados pelo autor como elementos indissociáveis para se persuadir, pois, segundo ele, "em retórica, razão e sentimentos são inseparáveis" (REBOUL, 2000, p. XVII).

Os argumentos relacionados à razão são divididos em dois tipos: os que se integram no raciocínio silogístico (entimemas) e os que se fundamentam no exemplo. Em relação aos meios afetivos, podem ser aqueles que o orador deve assumir para chamar a atenção e ganhar a confiança de seu auditório, denominados de *ethos* (caráter) e de *phatos* (emoções), ou seja, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido (REBOUL, 2000, p. XVII)

Relacionada a essa primeira função Citelli (2002, p. 19) pondera que na retórica "[...] não se busca apenas o convencimento racional, mas também o emotivo. O raciocínio retórico é capaz de atuar junto a mentes e corações, num eficiente mecanismo de envolvimento receptor".

No Sermão da Sexagésima, Vieira, mesmo tendo desenvolvido um estilo próprio para pregá-lo com seus gestos, seu tom de voz, dentre outros atributos que lhe eram peculiares, deixou evidente que se utilizou da função persuasiva tanto em sua argumentação quanto em sua oratória.

A segunda função relacionada à arte retórica é a *hermenêutica*, que se refere ao trabalho de interpretação que o orador precisa realizar em relação àquele que o escuta, Reboul (2000, p. XIX) afirma que:

Para ser bom orador, não basta saber falar, é preciso saber também a quem se está falando, compreender o discurso do outro, seja esse discurso manifesto ou latente, detectar suas ciladas, sopesar as forças de seus argumentos e, sobretudo, captar o não-dito.

Segundo o autor, em retórica o orador, aquele que fala ou escreve para convencer, nunca está sozinho. Ele pode concordar com outros oradores ou até se opor a eles, porém, para ser persuasivo, deve aprender a captar a força retórica deles, bem como seus pontos fracos e isso só irá conseguir com um trabalho de interpretação.

Sobre a função *hermenêutica*, Reboul (2000, p. XIX) ainda assevera que: "Na universidade atual, essa função é fundamental, para não se dizer única. Não se ensina mais retórica como a arte de produzir discursos, mas como a arte de interpretá-los".

A próxima função é a *heurística*, do grego *eureka*, que significa encontrar, e remete a uma função de descoberta. O autor adverte que não está se referindo à descoberta no sentido científico, como conhecimento evidente e previsão segura. Trata-se do mundo da vida, que não comporta apenas a polaridade verdadeiro/falso, mas também o verossímil, cuja defesa demanda argumentos persuasivos. Reboul (2000, p. XXI) afirma que "sem evidência, sem demonstração, sem previsão certa, em nosso mundo humano, o papel da retórica, ao defender esta ou aquela causa, é esclarecer aquele que deve dar a palavra final".

A quarta e última função apresentada por Reboul (2000) é a *pedagógica*. Ele esclarece que nos períodos Clássico e na Idade Média, ela não era utilizada na retórica, porque esta só admitia a primeira, ou seja, a *persuasiva*. A função *hermenêutica* era reservada à gramática e a *heurística* à dialética. Sobre a divisão ocorrida com a retórica, a gramática e a dialética dentro da escola, o autor tece críticas destacando que esse fato teve, como consequência, um esclerosamento da retórica.

Reboul (2000) ainda explica que, mesmo com a desarticulação ocorrida nessas disciplinas, a retórica ainda continuou nas escolas, porém de forma desprestigiada, acabando por ser "dissolvida" em outras disciplinas, podada em sua unidade interna e em sua coerência. Para o estudioso podem existir outras culturas além da escolar, "mas não existe cultura sem formação retórica" (p. XXII).

2 A Herança da retórica clássica aristotélica

Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, possuía espírito de observação e de sistematização. Foi ele quem repensou a retórica, dando-lhe a característica de ciência, afirmando que, para se conseguir a persuasão seria necessário seguir os passos da verificação. O filósofo apresenta um sistema retórico composto de quatro fases: invenção, disposição, elocução e ação.

De acordo com Reboul (2000, p. 43-44), essas fases devem ser buscadas por todos aqueles que desejam produzir um bom discurso. A primeira fase refere-se à invenção (*heurisis*) e consiste em buscar compreender o assunto a ser tratado e reunir argumentos que vão ser úteis ao discurso. A disposição (*taxis*) é a organização interna do discurso e sua ordenação. A elocução (*lexis*) refere-se ao ato de redigir o discurso atentando para a sua escrita e para o seu estilo. Finalmente, a ação (*hypocrisis*) relaciona-se ao ato de proferir efetivamente a preleção, com todos os ornamentos relativos à voz, mímica e gestos.

Aristóteles distingue ainda os três gêneros de discurso destinados, cada qual, a um grupo específico de ouvintes: o judiciário, o deliberativo e o epidíctico ou demonstrativo. O primeiro é direcionado ao Tribunal; o segundo à Assembleia (Senado) e o terceiro aos espectadores de modo geral. Dessa forma, esse pensador foi o primeiro a demonstrar que o discurso pode ser direcionado ao público e às finalidades pretendidas.

Ao pensador grego coube também caracterizar os três tipos de argumentos retóricos que possuem como finalidade persuadir no âmbito afetivo: o *ethos* (gênero deliberativo) que corresponde ao papel assumido pelo orador de inspirar confiança aos seus ouvintes; o *pathos* (gênero epidíctico) está ligado aos sentimentos, às emoções que o orador precisa despertar em seus ouvintes por intermédio de seu discurso, e o *logos* (gênero judiciário) que se encontra no plano racional e está vinculado ao processo argumentativo, ao aspecto dialético da retórica.

Para se entender os sermões elaborados por Vieira, em especial o da Sexagésima, deve-se considerar dialeticamente a tríade dos argumentos retóricos desenvolvidos por Aristóteles: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Do *ethos* do pregador deriva o *pathos*, ou seja, seu domínio emocional, e o *logos* é o componente simbólico e verbal.

Aristóteles ainda fixou a estrutura de um discurso retórico subdividindo-o em quatro fases sequenciais e integradas: *exórdio*, *narração*, *provas* e *peroração*. A primeira fase, o *exórdio*, indica o assunto a ser tratado, e possui como finalidade obter a fidelidade dos ouvintes. A segunda fase, a *narração*, refere-se ao assunto propriamente dito de que trata o discurso. A terceira fase, as *provas*, são os elementos que sustentarão a argumentação. A última fase, denominada de *peroração*, é o epílogo, a conclusão, ou seja, a última oportunidade de persuadir os ouvintes do discurso (CITELLI, 2002).

No Sermão da Sexagésima proferido pelo padre Antônio Vieira, pode-se encontrar bem marcada a influência do sistema aristotélico, quando o jesuíta estabelece em seu discurso a pessoa que fala, a pessoa com quem se fala e o assunto de que se fala.

Filho (1998) destaca que, no sermão da Sexagésima, evidencia-se a presença de Aristóteles nas cinco circunstâncias exigidas do pregador: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo e a voz, e, também, na arte de persuadir com a finalidade de convencer e transformar.

Para esse autor, o Sermão da Sexagésima constitui-se num verdadeiro paradigma teórico de base aristotélica, e Antônio Vieira possui a consciência política de que seu discurso oratório estava não somente a serviço de uma ação evangelizadora, mas também de uma ação política.

Assim, tendo como suporte o sistema aristotélico, a retórica se desenvolve solidamente ao longo dos séculos com a colaboração de diferentes pensadores e professores, que a associaram à moral, à democracia e à religião de acordo com o momento histórico.

3 Influência da retórica latina

Dois representantes da retórica latina influenciaram o padre Antônio Vieira na construção de seus sermões. O primeiro, Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), advogado de origem rica e considerado o primeiro grande orador romano. O segundo, Marco Fábio Quintiliano (35-95 d.C), que, após estudar, praticar e lecionar retórica em Roma, dedicou os últimos anos de sua vida à elaboração do maior

tratado de oratória da antiguidade, o *Institutio Oratória* (93 d.C.), resultado de vinte anos de experiência docente e de pesquisa sobre o tema (NASCIMENTO, 2007).

De acordo com Reboul (2000, p. 72), a retórica latina teve que primeiramente traduzir alguns termos gregos como:

[...] metáfora em Cícero transforma-se em *tralatío*, epdítico é *demonstrativum*. *Tekhné rhetoriké* será chamada de *ars oratória* ou *rhetórica*. Significativo: a palavra grega *rhetor* terá duas traduções: orador, que é o executante, o fazedor de discursos, e rethor, que é professor, geralmente grego.

Em relação aos dois significados dados à palavra grega *rhetor*, é necessário ressaltar que essa dualidade se encontra na relação existente entre ciência e arte romana, pois o *rhetor*, que é o professor de retórica, possui o conhecimento da técnica, e o orador, ao escolher as palavras, os argumentos e o ritmo, faz com que o discurso adquira vida e arte. Cabe salientar que, no que tange aos dois significados atribuídos à palavra retor, o Padre Antônio Vieira vivenciou os dois, seja como professor de retórica ou como orador.

Em sua época, Cícero foi considerado um dos maiores oradores de Roma, e sua eloquência marcou de forma indelével um período da história romana. Consolidou o ensino da retórica em latim, pois, de acordo com ele, a prática se sobressai em relação à teoria, cabendo assim à retórica o papel de unificá-las. (BARILLI apud GONÇALVES, 2009).

Cícero tentou fazer da filosofia uma aliada da retórica procurando superar o abismo entre o saber (filosofia) e o dizer (retórica) denominados por ele como “teoria e prática”. A sua teoria dos três estilos da retórica – *simples*, *sublime* e *temperado* – voltará a ser aplicada por Santo Agostinho em seu livro *De doctrina christiana*.

Esse pensador latino, que exerceu grande influência entre os pensadores de sua época, foi considerado o grande mediador entre a civilização grega e a romana, e em sua obra *De oratore* expõe, sob a forma de diálogos, qualidades que seriam necessárias a um bom orador, advertindo que este, para alcançar seus objetivos em relação aos seus discursos, deveria levar em conta o contexto social e cultural nos quais está inserido.

De acordo com Cambi (1999, p. 109):

O verdadeiro orador é o homem ideal que reúne em si a capacidade de palavra, riqueza de cultura e capacidade de participar da vida social e política, como protagonista. É o homem da polis, reativado e universalizado pelo culto das humanitas, que se completa com o estudo das artes liberais, das *humanae literae* e da retórica em particular.

Para Cícero a verdadeira eloquência surge naturalmente no orador, porém, para isso, ele deve possuir uma sólida cultura, ser instruído em todas as áreas como direito, filosofia, história e ciências, dentre outras, e formar-se naquilo que é denominado pelos gregos de *Paideia*⁵ e que ele traduziu como *humanitas*, nossa cultura geral (REBOUL, 2000).

Indubitavelmente, Vieira abarcou todas as qualidades necessárias a um bom orador elencadas por Cícero e, mesmo vivendo em um contexto histórico diferente do tempo do pensador romano, soube como nenhum outro, desenvolver suas habilidades para falar e participar do momento social e político no qual estava inserido.

Quintiliano foi outro importante personagem da retórica latina que, tendo como base Aristóteles, analisou os aspectos físicos, psicológicos e morais que deveriam formar o orador. Ele abriu o campo de ensino retórico ao incluir a gramática como explicação dos textos e a dialética como técnica de argumentação. Ainda, procurou conciliar a retórica e a ética (a moral) que Aristóteles havia separado.

De acordo com o pensador romano, a cultura possuía um valor inigualável e somente ela seria capaz de conciliar a retórica e a moral. Durante muitos séculos, Quintiliano foi considerado um mestre indiscutível pelos professores de retórica, a quem destinou sua obra *Institutio oratória*.

Segundo Reboul (2000, p. 74) para Quintiliano: “[...] sendo a linguagem e a razão características do homem, a retórica que as cultiva constitui a virtude humana por excelência. Falar bem é ser homem de bem, inversamente, só o homem de bem, honesto e culto, fala bem”.

Coube a Quintiliano, ainda, ser o responsável pela introdução da *memória* na formação humanística. Ele segue a tradição latina iniciada por Cícero, e desenvolve sua obra em relação à teoria retórica analisando as quatro partes do discurso

⁵ Paideia: “[...] educação do homem como tal, ou seja, educação de vida, às ‘boas artes’ peculiares do homem que o distinguem de todos os outros animais [...] o homem na sua forma genuína e perfeita” (ABBAGNANO, 2000, p. 225).

sistematizadas por Aristóteles, *invenção*, *disposição*, *elocução* e *ação*, acrescentando uma quinta, *a memória*, que classificou como importante para decorar a estrutura do discurso, pois a considerava indispensável e diretamente ligada à inteligência.

Pela sua formação jesuítica, Antônio Vieira foi intensamente treinado a desenvolver e aprimorar as cinco partes do discurso com exercícios diários de memorização, de expressões faciais, modulações de voz, exercícios de dicção dentre outros. Foi herdeiro, ainda, da pedagogia humanista contida nas ideias dos oradores romanos Cícero e Quintiliano que contribuíram na sua formação e na construção de seus discursos.

4 Oscilações da retórica cristã na idade média: Santo Agostinho e Tomás de Aquino

Pelo fato desta pesquisa ter como objeto de análise um discurso religioso do padre Antônio Vieira, é necessário ressaltar o papel que a retórica desempenhou em relação ao cristianismo. Pois foi essa relação que embasou a retórica cristã jesuítica, e serviu como fundamento para que ele elaborasse seus sermões que, pela sua notável eloquência e competência, deixaram marcas culturais durante todo o século XVII no Brasil.

Marcondes (2008) explica que o surgimento da retórica cristã ocorre com o advento do cristianismo. A nova religião que se originou do judaísmo, cultura que possui uma sólida história religiosa, inicialmente foi considerada uma seita e, até mesmo, um movimento reformador dentro da religião judia, porém de forma paulatina, o cristianismo se firmou como religião e se propagou pelo mundo.

Mesmo com a diversidade de concepções culturais que existiam no momento em que surgiu a nova religião, Jesus de Nazaré, com suas pregações (discursos), conseguiu um grande número de seguidores, pois, ao utilizar-se do recurso da palavra e tendo, muitas vezes, as parábolas como exemplo, ele foi capaz de se fazer compreender, convencendo e levando as pessoas que o escutavam a mudarem de atitudes e juízos.

O padre Antônio Vieira, embora não possuísse a mesma finalidade que Jesus de Nazaré e seus discípulos tiveram em propagar a palavra de Deus, muitas vezes

assemelhou-se a eles ao utilizar-se das parábolas, como foi o caso do Sermão da Sexagésima, em que construiu seu discurso tendo como alicerce a parábola do semeador. Os ensinamentos de Jesus giravam em torno do anúncio da palavra de Deus, e Vieira também a utilizava em seus sermões religiosos.

O discurso cristão possui uma estrutura bem peculiar. Primeiramente, é um discurso essencialmente *figurativo*, ou seja, como na arte visual, esse tipo de discurso apresenta-se como uma série de figuras carregadas de significados que apelam à imaginação. Em um segundo momento, cabe à *narrativa* desempenhar seu papel na propagação da sua mensagem, na inculcação de crenças e na construção de seu universo simbólico. Por último, o discurso cristão utiliza-se do paradoxo da linguagem do mistério, de grande apelo retórico (CAMERON *apud* GONÇALVES, 2009).

A Bíblia⁶ será o suporte utilizado pelo cristianismo para a elaboração de seus discursos, pois, segundo Reboul (2000, p. 77-78) é um livro profundamente retórico: "[...] sobejam nela metáforas, alegorias, jogos de palavras, antíteses, argumentações, tanto quanto nos textos gregos, senão mais". O autor ainda pondera que a Bíblia era e ainda é um modelo, porém, pode se converter em um problema, porque é um livro que não basta ser lido, precisa ser compreendido, e para interpretá-lo nunca é demais utilizar todos os recursos da retórica.

Em seus primórdios, a retórica cristã concentrou-se na transmissão oral da fé, inicialmente por Jesus de Nazaré e seus discípulos, que a levavam até as comunidades. No tempo de Vieira, a pregação oral ainda continuava a ser um instrumento privilegiado de divulgação da palavra de Jesus. O Concílio de Trento,⁷ ao confirmar a transmissão oral da fé, reativou a retórica antiga, porém com características cristãs.

Sobre o assunto Hansen (2001, p. 23) faz a seguinte ponderação: "[...] a transmissão da verdade da tradição (e da Escritura) seria feita pela palavra oral divulgada no púlpito por pregadores inspirados pelo Espírito Santo". Padre Antônio Vieira preencheu perfeitamente o perfil descrito pelo autor, pois sabia utilizar, como

⁶ De acordo com Reale e Antiseri (2003, p. 3), a palavra "Bíblia" se origina do grego *bíblia* e significa "livros". Eles são apresentados como a "palavra de Deus" e creditados a eles, pela sua difusão, uma mudança significativa na maneira de se conceber a espiritualidade do ocidente.

⁷ "Chamou-se Concílio de Trento porque as primeiras e a maioria das reuniões foram feitas na cidade de Trento na Itália [...] foi o mais longo da história (13 de dezembro de 1545 a 04 de dezembro de 1563) e apresentou um conjunto de afirmações e decisões que objetivavam garantir a unidade da fé católica e a disciplina da Igreja, no que se referem aos dogmas e doutrinas" (SILVA, 2012, p.58-59).

poucos, o púlpito e pregava com maestria a palavra de Deus, e para isso tinha como instrumento os seus sermões.

Com a oficialização da religião católica como a Igreja oficial do império romano no século IV, ocorre a institucionalização do clero (conjunto de religiosos). Dentre os intelectuais que faziam parte do clero, chamados de Pais da Igreja, destaca-se Santo Agostinho⁸ como um dos maiores pensadores do ocidente. Ele procurou conciliar, na medida do possível, a retórica cristã com a clássica.

Inicialmente, os bispos cristãos do século IV eram educados seguindo a cultura humanista, tendo uma boa formação retórica. Assim sendo, Agostinho não fugiu a essa regra, e sua educação foi essencialmente literária e latina. Segundo Marrou (apud Gonçalves, 2009, p. 33) pelo fato não aprender a língua grega em sua formação, evidenciava-se o afastamento entre o Oriente e o Ocidente, “que já se tornava uma característica típica de sua época”.

Santo Agostinho, pela educação recebida, foi preparado para ser e se tornou um mestre em oratória, capaz de se expressar em seus discursos e sermões de forma tal que comovia o público ouvinte. No ano de 384 foi a Milão assumir o importante cargo de professor de retórica (GONÇALVES, 2009, p. 34).

Por seu interesse na arte de oratória, o jovem retor começou a frequentar os sermões de Ambrósio⁹. Seu objetivo inicial estava relacionado apenas ao aspecto literário, contudo sentiu-se tocado pelas palavras do bispo que, posteriormente, desempenharia um significativo papel na sua conversão ao cristianismo, conforme explicam Boehner e Gilson (2008).

Sobre seu interesse nos sermões do bispo de Milão, Santo Agostinho, em sua obra *Confissões*, faz o seguinte relato:

Acompanhava assiduamente suas conversas com o povo, não com a intenção que deveria ter, mas para averiguar se sua eloquência merecia a fama de que gozava se era superior ou inferior a sua reputação. Suas palavras me prendiam a atenção. Mas o conteúdo não me preocupava, até o desprezava. Eu me encantava com a suavidade de seu modo de discursar [...] (AGOSTINHO, 1984, 5, 13, 23).

⁸ *Aurelius Augustinus* (354-430) bispo de Hipona nasceu em Tagaste (uma *província* romana localizada ao norte da África) (COSTA, 2013).

⁹ Entre os vários pensadores (filósofos, tradutores, comentadores e eruditos) dos séculos III e IV destaca-se a figura de Ambrósio, bispo de Milão de 374 a 397 (REALE; ANTISERI, 2003).

Assim, a intenção de Santo Agostinho, ao escutar inicialmente os discursos religiosos do bispo Ambrósio, não era a sua conversão ao cristianismo, mas sim a de averiguar a eloquência do discurso, e como o bispo, ao apresentar seus sermões, chamava a atenção de seus ouvintes. Porém, ao se converter ao catolicismo, Santo Agostinho passa a avaliar de forma negativa seu ofício de mestre em retórica, e como o praticava, conforme deixou registrado nas *Confissões*:

Naqueles anos eu ensinava retórica, vencido pelas paixões, eu vendia tagarelices (*loquacitatem*) para ensinar a ganhar causas. Todavia, senhor, tu bens sabes que eu preferia ter bons discípulos, no verdadeiro sentido da palavra, e, sem artimanhas, eu lhes ensinava artifícios úteis, os quais pudesse um dia, não contra a vida de um inocente, mas, para quem sabe, salvar a vida de um culpado [...] (AGOSTINHO, 1984, 4, 2, 2).

Santo Agostinho tece severas críticas aos seus próprios procedimentos. Uma delas em relação a sua frequência nos sermões do bispo Ambrósio, ao confessar que seu real interesse era observar seus discursos para comparar se o bispo estaria a sua altura na arte da retórica, de que ele julgava ser conhecedor. Outra crítica se evidencia quando Santo Agostinho ao se referir à sua prática de ensinar retórica em seu antigo ofício, confessa que vendia tagarelices.

Gonçalves (2009, p. 35) esclarece que em *De catechizandis rudibus* – “A instrução dos catecúmenos” – escrita por volta de 405:

Orienta como devem ser instruídos aqueles alunos que possuem formação retórica e desejam se tornar cristãos [...] ensina que o catequista deve falar de tal maneira que a sua fala se adapte à capacidade dos ouvintes e à diversidade das situações.

Padre Antônio Vieira, ao construir seus sermões, procedia do modo recomendado por Santo Agostinho, pois possuía uma capacidade nata de adaptar seus discursos aos seus ouvintes, tratava com desenvoltura e firmeza as questões sociais, que envolviam aspectos políticos e religiosos.

Em suas obras, Santo Agostinho deixou transparecer como pensava a retórica antes de sua conversão à religião cristã, e como passa a pensar e a vivenciar a retórica após essa mudança em sua vida. E assim, começa a contribuir de forma significativa para a retórica cristã, que, posteriormente, será a base da retórica jesuíta, e esta será o fundamento da formação do padre Antônio Vieira.

Na sua obra *De doctrina christiana* (A doutrina cristã), concluída por volta do ano 427, Santo Agostinho dedica um capítulo inteiro à oratória, e defende que o pregador cristão deve fazer uso dos conhecimentos da retórica que, como arte de persuasão, servirá aos objetivos da pregação cristã. Porém, adverte sobre a fidelidade que o pregador cristão deve ter em relação às Escrituras Sagradas, consideradas como fontes de sabedoria que estaria acima da arte de falar, concluindo que o pregador cristão deveria fazer uso das duas coisas (GONÇALVES, 2009).

Uma das grandes qualidades de Santo Agostinho era a capacidade que tinha em utilizar a arte da eloquência com a finalidade de se fazer compreender pelo povo mais simples. Nascimento (2007, p. 69) esclarece que assim como Cícero, acreditava na “tese da interdependência entre a eloquência e sabedoria”. Ele valida a utilização dos recursos retóricos para fins de conversão, pois, como tinha sido “convertido pela Palavra”, preconizou a “cristianização” da retórica.

Além de considerar que o pregador cristão, ao utilizar-se de seus conhecimentos retóricos com a finalidade de persuadir seus ouvintes, estará agindo de acordo aos propósitos estabelecidos pela retórica cristã, Santo Agostinho pondera que ele também deve ser fiel às Escrituras Sagradas, importante instrumento para a propagação da retórica cristã. Nesse aspecto, padre Antônio Vieira também se assemelha a Santo Agostinho, pois, em vários momentos, ao elaborar suas obras, faz uso das Escrituras Sagradas, como foi o caso do Sermão da Sexagésima.

No final do século V, após o apogeu da retórica cristã desenvolvida por Santo Agostinho, a retórica entra em processo de declínio por aproximadamente seis séculos. Um dos fatores que contribuiu para que isso ocorresse foi a “proibição formal de que monges ou leigos, independente de sua cultura ou ciência, pudessem pregar nas missas”, o que terminou por dificultar as coisas, pois, “naquele momento, não existiam instituições de formação de sacerdócio cristão” (NASCIMENTO, 2007, p. 73). Os seminários só foram criados no século XVI, logo após o término do Concílio de Trento em 1563.

Outra hipótese sobre o declínio da retórica está nas objetivações feitas pelo próprio cristianismo, pois, segundo Coelho (2005, p. XIII) alguns ponderavam que essa religião não poderia “conviver com a ideia de multiplicidade de premissas, igualmente aproveitáveis como ponto de partida para a argumentação”.

Contrariando essa hipótese, Reboul (2000, p. 79) assevera que o cristianismo nada tem a ver com o declínio da retórica, enfatizando que o golpe mortal que rompeu o elo entre o argumentativo e o oratório (que lhe davam força e valor), foi dado pelas ideias novas do século XVI preconizadas pelo humanista Pedro Ramus (Pierre de la Ramée).¹⁰ Este, de fato, separa resolutamente a dialética, arte da argumentação racional, da retórica reduzindo esta apenas à arte de falar bem.

Observa-se, assim, que alguns autores divergem sobre os fatores que levaram ao declínio da retórica a partir do final século V, mas o que importa é que, independentemente de que este ou aquele esteja certo, o declínio ocorreu, contudo retornou como retórica sacra, a partir dos séculos XII e XIII com a reforma do papa Gregório VII, como um esforço da Igreja Romana em combater o avanço do protestantismo.

Segundo Nascimento (2007, p. 75):

[...] a disciplina Retórica entrou fortemente no meio eclesiástico e a Igreja passou a fazer largo uso da pregação eloquente e ornamentada, sempre procurando diferenciar-se do discurso pagão pelo recurso a autoridade do texto bíblico.

Dessa forma, o retorno da retórica ocorre como disciplina ligada à oratória sacra com finalidades e características diferentes das que possuía em séculos anteriores. A igreja preocupou-se em diferenciá-la da retórica clássica e da latina, fazendo com que fosse sustentada pelas Escrituras Sagradas.

As escolas que surgem nesse período passam a ensinar os elementos básicos da cultura da época: “o *trivium*, ou três vias, consistindo de uma introdução à gramática, lógica e retórica e o *quadrivium*, ou quatro vias, composto de música, geometria, aritmética e física” (MARCONDES, 2008, p. 118). Essa estrutura de ensino influenciou na elaboração do Plano de Estudos jesuítico alguns séculos depois tendo sido a base de formação do padre Antônio Vieira.

Dentre os pensadores da Idade Média, tem-se em São Tomás de Aquino,¹¹

¹⁰ Também conhecido como Petrus ou Peter Ramus, foi matemático, nasceu na França no ano de 1515. Escreveu uma série inteira de livros didáticos em lógica e retórica, gramática, matemática, astronomia e ótica. Faleceu no ano de 1572. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/PierrdeR.html>, acesso em: 13 de dezembro de 2014.

¹¹ São Tomás de Aquino nasceu no ano de 1227, na cidade de Nápoles, sul da Itália, e faleceu no convento Fossanova, próximo a sua cidade natal no ano de 1274. Nascimento (2011) esclarece que ele pertenceu a uma família nobre, era filho de Landolfo de Aquino e de dona Teodora, mas não se sabe muito sobre sua família.

um importante representante da retórica cristã. Ele vivenciou o surgimento da escolástica¹² no início do século XII, sendo considerado por muitos como o maior filósofo e o maior teólogo desse período. Utilizou o sistema retórico de Aristóteles a serviço do pensamento cristão com a finalidade de que a fé, alimentada pela revelação, prevalecesse sobre a razão.

Sobre São Tomás de Aquino, Marcondes (2008, p. 129) elucida que:

[...] A Igreja reconhece o seu valor. Em 1323 é canonizado e, no período da Contra Reforma, o Concílio de Trento, em 1567, o declara doutor da Igreja – sua obra é depositada no altar ao lado da Bíblia – passando a considerá-lo de importância central para o combate e a refutação do protestantismo.

São Tomás de Aquino foi reconhecido pela Igreja Católica por sua significativa contribuição para a solidificação da retórica cristã e, no final do século XVI, com a implantação do Plano de Estudos jesuítico, sua obra fazia parte dos autores estudados, tornando-se, assim, uma das referências literárias que fundamentaram a formação do Padre Antônio Vieira.

5 A Companhia de Jesus no quadro da Contrarreforma

No início do século XVI, com a Reforma Protestante há a ruptura da unidade do cristianismo. Para conter o avanço do protestantismo, a Igreja procurou reagir por meio do movimento da Contrarreforma, buscando, sobretudo, preservar a ortodoxia católica e autoridade papal.

Segundo Jung (2008, p. 45):

[...] a Igreja católica expressou declaradamente os limites que a separavam das novas doutrinas, confirmou o princípio da unidade com a conservação do latim para o culto em todos os países, reafirmou o poder do sumo pontífice como pastor universal e único intérprete das Escrituras, corruptos foram expulsos da igreja e a venda das indulgências proibida, foram fundadas ordens religiosas com severas disciplinas que dependiam diretamente do Papa, foi criada a comissão do Índice encarregada de examinar os livros publicados e elaborar um catálogo de obras, cuja leitura ou posse fosse vedada.

¹² “Em sentido próprio, a filosofia cristã da Idade Média. Nos primeiros séculos da Idade Média, era chamado de *scholasticus* o professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois da universidade [...]” (ABBAGNANO, 2000, p. 344).

O autor descreve, nessa passagem, algumas das medidas tomadas pela Igreja Católica em relação ao combate do avanço do movimento protestante. Além dessas medidas, o movimento da Contrarreforma estabeleceu a reativação da Inquisição, a convocação do Concílio de Trento e a fundação da Companhia de Jesus, que se tornaram importantes instrumentos para a adaptação da Igreja Católica aos tempos modernos.

Em relação à reativação da Inquisição ocorrida na Itália no ano de 1542, Tavares (1995, p. 18) observa que sua principal finalidade foi “[...] combater o avanço do protestantismo na Península e enfrentar a ameaça do pensamento erudito, que desafiava os dogmas da Igreja, além de combater a indisciplinada religiosidade popular”.

É importante explicar que esse movimento para alcançar seu objetivo, que era fortalecer a Igreja católica e impedir o avanço de outras religiões, vigiou, perseguiu, censurou e puniu milhares de pessoas, muitas vezes de forma violenta.

Tavares (1995) relata que a inquisição foi instaurada em Portugal por D. João III em 1536, e que foram criados quatro Tribunais nos domínios portugueses entre 1541 e 1560. Algumas visitas do Santo Ofício ocorreram aqui, no Brasil, na primeira metade do século XVII.

Antônio Vieira foi julgado pelo Santo Ofício em Portugal como suspeito de heresia no ano de 1649. Após um longo processo que durou aproximadamente vinte anos, foi condenado e proibido de pregar. Em 1675, obteve do papa a anulação de sua sentença e a imunidade total da Inquisição portuguesa. (VAINFAS, 2011).

Segundo Silva (2012) o Concílio de Trento, um dos instrumentos que fundamentaram a Contrarreforma, apresentou um conjunto de afirmações e decisões que objetivavam garantir a unidade da fé católica no que se refere aos dogmas e doutrinas.

Fernández (2008, p. 1) também ressalta a importância desse instrumento de adaptação da igreja Católica aos tempos Modernos:

[...] O Concílio de Trento buscou tomar uma série de decisões relacionadas com a forte permanência da presença religiosa na vida social da época. Nela se decidiu por um conjunto de dogmas e reformas disciplinares que possibilitassem a manutenção da unidade católica.

Tanto Silva (2012) quanto Fernández (2008) enfatizam que o Concílio buscou reafirmar os dogmas católicos. Para isso, determinou-se que a *traditio* (transmissão oral da fé) fosse confirmada como fonte autorizada, vinda diretamente da boca de Cristo e, ainda, estabeleceu-se que as Escrituras passavam a ser a palavra de Deus inspirada pelo Espírito Santo (HANSEN, 2001).

Ao analisar as determinações estabelecidas pelo Concílio, Hansen (2001, p. 25-26) constata que:

[...] A escolha da via oral para transmitir a verdade canônica confirmada no Concílio de Trento resultou em uma extraordinária reativação da Retórica Antiga. [...] A Retórica efetivamente nunca havia deixado de estar presente, embora até o início do século XVI sua presença no ensino fosse, por assim dizer, muito mais modesta.

Após o Concílio de Trento, a retórica passa a exercer um papel relevante, tornando-se uma das disciplinas do ensino jesuítico, sendo generalizada em Portugal como um modelo para todas as práticas de representação. Padre Antônio Vieira utilizou-a como um importante instrumento para desenvolver com maestria sua pregação oral e sua eloquência.

A igreja Católica defendeu firmemente a transmissão oral das duas fontes de revelação estabelecidas pelo Concílio: a Tradição e as Escrituras, determinando ainda que apenas teólogos autorizados pelas duas fontes de revelação poderiam ler e interpretar o Antigo e o Novo Testamento.

Nascimento (2007) explica que nesse momento a retórica se torna necessária, e passa a desempenhar um relevante papel dentro da Igreja, pois durante muito tempo havia se preocupado apenas com “o que pregar”, deixando de lado o “como se prega”. Nessa nova conjuntura, a relação entre a retórica e o cristianismo passou a receber um novo olhar.

O Concílio de Trento também se preocupou com a disciplina e a boa formação do clero, e, para isso, determinou a criação de seminários em todas as dioceses do mundo com a finalidade de formar um clero mais sintonizado com a vocação religiosa. Passa-se a delegar aos bispos a obrigação de cuidar e zelar pela formação do clero com instrução, alto padrão moral e dedicação, além de maior ardor na formação intelectual.

A criação de seminários teve como propósito implementar um antigo projeto: a criação de lugares comuns que pudessem preparar os futuros padres nos aspectos intelectuais e espirituais que fossem adequados à sua função.

A fundação da Companhia de Jesus, como estratégia utilizada pela Igreja para sustentar a Contrarreforma, apontava para uma perspectiva moderna, bem distinta daquela que servia de suporte à Inquisição. Segundo Tavares (1995, p. 22):

[...] deve-se destacar que a natureza do Concílio é diferente da Inquisição, pois as determinações tridentinas estavam vinculadas ao espírito humanista e moderno, enquanto que o Santo Ofício era herdeiro de uma lógica medieval. Mesmo contraditórios, os dois serviam ao mesmo fim de fortalecer a Igreja Católica. Mas este quadro não estaria completo sem a inclusão de um outro elemento: a Companhia de Jesus.

A autora esclarece que a Companhia de Jesus completou o quadro de medidas adotadas pelo movimento da Contrarreforma com o objetivo de fortalecer a Igreja Católica no combate ao avanço do protestantismo e difundir o catolicismo em outros países e continentes.

Dentro do espírito do Concílio de Trento e com o incentivo da Igreja, várias ordens religiosas foram fundadas durante o período da Contrarreforma, porém nenhuma delas teve influência tão marcante na religião, na política e na educação como a Companhia de Jesus, fundada num contexto histórico e cultural de grandes transformações e conflitos dentro da Igreja Católica, e cujos membros foram chamados de jesuítas.

No ano de 1534, seu fundador Inácio de Loyola¹³ e um grupo de seis companheiros reuniram-se no interior da igreja de Santa Maria em Montmartre, Paris, dando início à nova Ordem Religiosa que foi oficialmente aprovada pelo Papa Paulo III em 1540, pela bula *Regimini militantis ecclesiae* (O' MALLEY, 2004, p. 19).

Sua criação ocorreu em meio à transição do mundo medieval para o mundo moderno. Desde a sua fundação, a Companhia de Jesus causou polêmicas, pois, na mesma proporção em que recrutava simpatizantes, também causava repulsa, inclusive dentro da própria Igreja Católica.

¹³ Inácio Lopes de Loyola nasceu em 1491, no castelo de Loyola, no território basco do nordeste da Espanha, perto de Azpeitia, na província de Guipuzcoa. Faleceu no ano de 1556 (O'MALLEY, 2004).

Inicialmente, o grupo de homens pertencentes aquela Ordem Religiosa tinha um propósito individual e apostólico. Sobre a rígida disciplina inerente à Ordem, Nascimento (2007, p. 82) tece as seguintes considerações:

Os membros da Ordem, “os soldados de Cristo!”, seguiam uma disciplina rígida, com ênfase na absoluta auto-abnegação e na obediência ao Papa e os superiores hierárquicos; as expressões “*perinde ac cadaver*” (“disciplinado como um cadáver”) e “*Ad Majorem Dei Gloriam*” (“Tudo por uma maior glória de Deus”) tornaram-se o lema dos jesuítas.

A rígida disciplina, a obediência e a hierarquia à qual eram submetidos os que ingressavam na Ordem religiosa compunham um tripé muito sólido, sobre o qual enraizou a proposta pedagógica dos jesuítas, cujas características representaram e expressaram a cultura da época.

A Companhia de Jesus estava diretamente ligada à autoridade papal e não seguia a hierarquia comum da Igreja, pois, além dos votos de obediência, castidade e pobreza, houve a inclusão de mais um voto: o compromisso de submissão total ao *Sumo Pontífice*. Diferenciava-se ainda das outras ordens religiosas pelo fato de não possuir, como principal objetivo, o ingresso no monastério. Seus membros tinham, como tarefa, salvar almas por intermédio das missões.

Sobre as razões da crescente influência da Companhia de Jesus no início da modernidade, Nascimento (2007, p. 90) afirma:

[...] Rapidamente a Ordem foi crescendo e em consequência disso foi aumentando sua influência na cultura e na sociedade. A conquista desta posição de destaque nos períodos iniciais da Idade Moderna (século XVI e XVII) deveu-se ao fato de seus padres possuírem uma grande disciplina, uma sólida formação intelectual e uma enorme adaptação às situações politicamente desfavoráveis.

Ainda, segundo o autor, a Companhia de Jesus foi, dentre todas as congregações católicas que aqui estiveram e desenvolveram atividades, a que teve maior destaque e, como representante e suporte espiritual do império português, desempenhou um importante papel no desenvolvimento da cultura brasileira durante os séculos XVI e XVII. Ela assumiu para si o compromisso de dominar o campo do conhecimento.

Os instrumentos que a Contrarreforma utilizou para combater o avanço do protestantismo repercutiram, de forma intensa, na vida de Padre Antônio Vieira, pois ele passou pelo julgamento do Santo Ofício e, por ser formado em um colégio

jesuíta, suas pregações incorporaram os preceitos da pregação política e católica estabelecidas pelo Concílio de Trento.

5.1 Os jesuítas e o *Ratio Studiorum*

Os jesuítas, como foram conhecidos e tratados os membros da Companhia de Jesus, inicialmente, destacaram-se por suas obras missionárias nas colônias conquistadas por Portugal e Espanha. Chegaram ao Brasil em 1549 passando logo a desempenhar suas atividades de evangelização.

Tavares (1995, p. 9) explica que durante o longo período em que estiveram aqui, a atuação desses homens carregados de religiosidade foi, em muitos momentos, polêmica. “Por vezes eles foram identificados como os maiores e mais intransigentes defensores da ortodoxia da fé católica, para depois serem vistos como os mais flexíveis em relação à sociedade as quais pretendiam colonizar”.

Essas polêmicas que envolviam os membros dessa ordem religiosa estavam, muitas vezes, relacionadas à obediência irrestrita e incondicional que mantinham em relação a seus superiores, pois, como já foi salientado, uma das características que diferenciava a Companhia de Jesus das outras ordens religiosas era sua rígida disciplina.

De acordo com Hansen (2001), uma das marcas de ação dos jesuítas era que o conhecimento deveria ser produto da prática coletiva dos padres. Para que isso se concretizasse o padre Juan Alfonso de Polanco, a partir de 1547, determinou que todas as províncias da Ordem enviassem correspondência para Roma relatando os sucessos das missões.

Com essa exigência, o padre jesuíta tinha quatro objetivos básicos a alcançar: [...] o primeiro era o de colher informações sobre os povos com que fazia contatos; [...] o segundo era o controle interno da Ordem; [...] o terceiro era o reforço do entusiasmo catequético; [...] o quarto objetivo era mundano (HANSEN, 2001, p. 15).

A finalidade do primeiro objetivo era coletar informações sobre esses novos povos, principalmente sobre seus idiomas e dialetos. Para que os membros da Ordem pudessem estudar e escrever sobre a cultura e a língua, e assim ensinavam e treinavam os jovens missionários nos colégios da Europa para prepará-los para as missões.

O segundo objetivo tinha como função o controle e a manutenção da Ordem, o foco estava em manter os dirigentes informados sobre os problemas internos e também sobre possíveis desânimos e crises que acometiam os padres em suas missões.

O terceiro objetivo deveria ser alcançado por meio das cartas enviadas das missões. Após passarem pela censura do padre Polanco, elas eram traduzidas para várias línguas e remetidas para outras missões.

O quarto e último objetivo visava agradar as elites letradas da Europa, que passaram a demonstrar interesse pelas cartas dos missionários, não apenas pela catequese, mas, principalmente, pelas novidades maravilhosas do Novo Mundo.

A ordem inaciana tinha por princípio tudo registrar, tudo escrever e de tudo preservar na memória. Por terem adotado essa prática se tornou possível, ao passar dos séculos, conhecer com mais detalhes o período histórico e a vida cotidiana desses religiosos nos séculos XVI e XVII.

Alguns dos estudiosos e pesquisadores que se debruçam sobre esses documentos e as cartas dos jesuítas ressaltam que houve muitos pontos negativos no trabalho por eles desenvolvido. Porém Silva (2012, p. 24) pondera sobre os aspectos positivos da sua influência no Brasil no início da colonização, destacando que eles:

[...] não são nem santos, nem anjos, nem bandidos, nem demônios. São homens históricos que responderam com originalidade, criatividade e decisão aos desafios do seu tempo, com as contradições que pesam sobre todas as ações humanas.

Conforme resalta o autor, os jesuítas seguiram os parâmetros estabelecidos para a época em que viveram, sem fazer questionamentos. A Igreja Católica determinava e orientava as formas de agir e pensar tanto nas práticas sociais como nas litúrgicas, relacionando-as com os preceitos religiosos que acreditavam e que queriam disseminar pelo mundo. Todas as pessoas, cada qual em sua posição social, tinham sua referência espiritual ligada ao divino, vivendo para seguir aos preceitos em que acreditavam.

Nos períodos iniciais da Idade Moderna (séculos XVI e XVII), a Ordem inaciana foi aumentando sua influência na cultura e na sociedade. Inicialmente os

jesuítas controlaram o ensino em Portugal e, posteriormente, nas colônias, dentre elas o Brasil.

Outro fator que contribuiu para o grande avanço da Ordem se deve ao fato de que os padres jesuítas foram, por diversas vezes, educadores e confessores de reis, possuindo o claro interesse de influenciar favoravelmente nas suas decisões, como foi o caso do Padre Antônio Vieira.

O *Ratio Studiorum atque Institutio Societatis Jesu*, conhecido como *Ratio Studiorum*, foi o responsável por sistematizar o plano de estudos da Companhia de Jesus. Ele estava ligado à “política católica” portuguesa como um conjunto de regras vinculadas à formação moral com base na virtude religiosa. Segundo Silva (2012) o *Ratio Studiorum* foi pensado para guiar de modo rígido e uniformizado todos os que se dedicassem à função de ensinar, como forma de garantir que os objetivos da Ordem fossem mantidos.

O Plano de Estudos da Companhia de Jesus – que passou por um demorado período de elaboração e experimentação – representou o primeiro sistema organizado da educação católica, pensado para guiar de modo rígido e uniformizado todos os que se dedicassem a ensinar, além de se tornar a base filosófica dos jesuítas.

Segundo Arnaut de Toledo (2000, p. 182):

Este documento, que não pretendeu ser um tratado pedagógico, marcou indelevelmente tanto a educação quanto a pedagogia moderna, e constituiu-se hoje, para nós, numa das mais importantes referências documentais da gênese do mundo moderno. Ele foi resultado de um longo, cuidadoso e amplo trabalho de planejamento da expansão jesuítica, tanto na Europa quanto nos novos mundos recém-ocupados e colonizados pelos europeus no início do século XVI.

Com a promulgação de seu texto oficial em 1599 pelo padre Claudio Aquaviva, o *Ratio* passou a ser, pela sua funcionalidade, um trabalho pedagógico que exerceu durante séculos profunda influência na transmissão, preservação e imposição da cultura europeia nas colônias dominadas pelo reino português.

Em relação ao Plano de Estudos dos jesuítas, Saviani (2004, p. 127) faz a seguinte observação:

[...] o plano contido no *Ratio* era de caráter universalista e elitista. Universalista porque se tratava de um plano adotado indistintamente por todos os jesuítas, qualquer que fosse o lugar onde estivessem. Elitista

porque acabou destinado aos filhos dos colonos e excluindo os indígenas, com o que os colégios jesuítas se converteram no instrumento de formação da elite colonial.

Todos os colégios da Companhia de Jesus seguiam rigorosamente a divisão básica que constituía o *Ratio Studiorum*, composta de três períodos ou cursos: Letras ou Humanidades; Filosofia e Ciências, também denominado de Artes; Teologia ou Ciências Sagradas.

O primeiro referia-se ao curso de Humanidades, tinha a duração de seis anos e seu conteúdo reeditava quase que basicamente o *Trivium* da Idade Média:

[...] a Gramática (quatro séries) com o objetivo de assegurar expressão clara e precisa, a Dialética (uma série) destinada a assegurar expressão rica e elegante e Retórica (uma série) com o que se buscava garantir uma expressão poderosa e convincente (SAVIANI, 2004, p. 127).

Reitera-se que, nas disciplinas de gramática, de dialética e de retórica contidas no primeiro período do curso, a linguagem designada por Saviani (2004) como “expressão”, além das finalidades explicitadas por ele, tinha ainda o objetivo de torná-la um instrumento adequado e eficiente, sendo considerada essencial por aqueles que atuavam na formação dos membros da ordem religiosa.

Puentes (2010, p. 495) ressalta, ainda em relação ao curso de Humanidades do *Ratio*, que o objetivo era “preparar homens eloquentes, capazes de convencer e encantar por intermédio de um discurso bem ordenado”. Com isso, o estudo da retórica se torna não apenas uma disciplina a mais no curso, mas aquela que direcionará o modo de pensar, organizar e representar todas as atividades de seus membros.

A formação para a eloquência era muito importante no *Ratio*; a retórica como disciplina devia ter três elementos essenciais que iriam resumir e normatizar toda a educação jesuítica: os preceitos, o estilo e a erudição. Para isso, o estudo de retórica era ministrado quatro horas por dia, duas pela manhã e duas à tarde, e tinha como finalidade desenvolver a agilidade no manejo da erudição, principalmente erudição doutrinária (HANSEN, 2001).

Em relação aos dois outros cursos do *Ratio*, ou seja, o de Filosofia e o de Teologia, Saviani (2004) esclarece que esses estavam direcionados somente à formação dos padres catequistas.

Padre Antônio Vieira estudou e se formou em um colégio jesuíta, portanto seguiu aos preceitos estabelecidos pela ordem religiosa à qual pertenceu. Aprendeu a expressar-se de forma clara e correta e recebeu uma sólida formação moral e religiosa. Sobressaiu-se pela eloquência alcançando prestígio com suas pregações, não apenas aqui no Brasil, mas também na Europa, onde atuou durante grande parte de sua vida, sendo reconhecido e admirado como pregador e como diplomata.

6 Um missionário a serviço da retórica cristã

Antônio Vieira nasceu em Lisboa em 1608, e veio para o Brasil com a família ainda criança, no ano de 1614. Iniciou seus estudos na Bahia em um colégio da Companhia de Jesus, onde teve despertada sua vocação religiosa. Porém, mesmo sendo disciplinado, não aprendia com facilidade e tinha muita dificuldade de escrever e decorar.

Essa situação causava grande sofrimento, mas, desde pequeno Antônio Vieira era muito religioso e devoto da Virgem Maria, assim, de acordo com Vainfas (2011), um dia o menino rogou pela intercessão de Nossa Senhora das Maravilhas para que o libertasse da nuvem que obscurecia seu entendimento.

O autor ilustra que desse momento surgiu a lenda intitulada “Estalo de Vieira”, pois acredita-se que houve um milagre devido à fé religiosa, já que:

[...] no mesmo dia, em classe, o menino Antônio já era outro. Pediu para participar dos exercícios de retórica aplicados pelos padres, saindo-se com brilho nas disputas, para espanto e regozijo dos mestres, que o trataram doravante como um prodígio, um gênio (VAINFAS, 2011, p. 34).

Diante da exposição feita pelo autor, evidencia-se que a presença da religiosidade é predominante na cultura da época, e interferiu no mundo material em que Vieira viveu no século XVII.

No ano de 1623, aos quinze anos, ele ingressou como noviço na Companhia de Jesus, e logo começou a lecionar Humanidades e Retórica nos colégios da Bahia e de Pernambuco. Havia muita disciplina nos dois anos que os alunos da Companhia estudavam no noviciado, conforme explica Vainfas (2011, p. 37):

[...] mantidos todo o tempo ocupados, quase sem relação com o exterior, praticando exercícios de memória, sempre decorando versículos do Antigo e do Novo Testamento, além de exercícios de declamação e de postura. Recebiam instruções de boas maneiras, lições de como usar as mãos e a voz, aula sobre o modo de olhar, de se vestir e de rir.

Aqueles que pretendessem fazer parte da Companhia de Jesus, como foi o caso de Antônio Vieira, passavam por um rígido treinamento, cuja finalidade era moldá-los para controlarem, por meio da educação, o povo em geral e, em especial, os nobres e a alta burguesia, facções sensíveis às ideias do movimento protestante.

Em 1625, ao cumprir seus dois anos de noviciado, Vieira faz os primeiros votos de profissão de fé e, como parte das obrigações, no final do ano de 1626 e início de 1627, foi enviado ao colégio de Olinda para ensinar retórica no curso de Humanidades.

Com 18 anos, e diante do prestígio alcançado entre os jesuítas do Brasil, ele foi encarregado de redigir a Carta Ânua¹⁴ de 1624 (escrita em 1626). A respeito de seu talento oratório, Vainfas (2011, p. 38) ressalta que:

[...] a bagagem de Vieira era qualificada, mas não chegava a ser superior à de um teólogo de boa formação na época. A excepcionalidade de Vieira residia muito mais na sua inteligência, acima da média, na sua enorme capacidade literária em língua portuguesa e no seu extraordinário talento oratório.

Mesmo sem ter recebido o sacramento da ordenação, que só ocorreria em dezembro de 1634, Vieira pregou seus primeiros sermões na Bahia. No ano de 1635, foi nomeado professor de teologia do colégio baiano, mas, apenas no ano de 1645 fez o voto solene da Companhia de Jesus, o de obediência ao papa.

Com o passar dos anos Vieira foi evoluindo em seu trabalho, em 1644 foi nomeado pregador régio, neste mesmo ano conheceu o rei de Portugal D. João IV. E foi conselheiro político do rei no período de 1646 a 1651, e também desempenhou várias missões diplomáticas.

A missão evangelizadora, catequética, religiosa e educacional empreendida pelo padre Antônio Vieira no Brasil pode ser identificada com aquelas que ele efetivou em relação aos índios, aos colonos, aos escravos e aos noviços da

¹⁴ De acordo com Vainfas (2011, p. 39), a Carta Ânua era o relatório anual que cada uma das províncias jesuítas espalhadas pelo mundo enviava ao padre geral em Roma.

Companhia de Jesus. Um importante trabalho de catequese de Vieira foi com os indígenas do Maranhão. (HAYASHI *et al*, 2012).

De acordo com Casseb (2006), João Lúcio de Azevedo¹⁵ é considerado um dos grandes biógrafos de Vieira, e ressalta que: “A obra de João Lúcio de Azevedo continua clássica, por ser indispensável aos que pretendem estudar Vieira, pelo autor não ser jesuíta e ser a mais contemporânea”. O autor em seu livro *A História de Antônio Vieira* dividiu a biografia do jesuíta em seis períodos, cada um deles correspondendo a um perfil em diferentes momentos de sua vida.

O período religioso (1608 – 1640) corresponde aos anos de sua juventude, em que foi missionário e pregador na Bahia; o Político (1641 – 1650) foi o período em que o padre jesuíta se tornou o grande conselheiro de D. João IV; o Missionário (1651 – 1661) é caracterizado pelo período em que esteve à frente dos jesuítas no Maranhão; o Vidente (1662 – 1668), período marcado por suas obras proféticas; o Revoltado (1669 – 1680) ocorre quando Vieira é processado por suas ideias heréticas e chega a desafiar o Santo Ofício, e o Vencido (1681 – 1697), período em que foi ofuscado pela própria Companhia de Jesus até falecer em 1697.

Padre Antônio Vieira foi mais do que coadjuvante no cenário político, social e cultural da península ibérica após as primeiras décadas do século XVII, ele desempenhou um papel determinante, e seus escritos foram decisivamente influenciados pela retórica religiosa jesuítica.

Ele atuou como confessor, conselheiro e pregador junto aos governantes e aos grupos que detinham o poder econômico, e influenciou, de maneira significativa, a administração do reino. Em síntese, esse inaciano possuía as virtudes de um orador: o ativismo combativo, as habilidades hermenêuticas, filosóficas e teológicas adquiridas durante os longos anos de formação. Muraro (2003) esclarece que a pedagogia jesuítica foi decisiva na formação de Vieira, pois despertou, dentre as habilidades citadas, a retórica.

Oliveira (2012, p. 23) esclarece alguns detalhes sobre o período que João Lúcio de Azevedo designa de “vencido”, de 1681 até 1697, ano de seu falecimento de Vieira:

¹⁵ Segundo Pécora (2013), Azevedo (1855-1933) foi um historiador português que viveu no Brasil de 1873 a 1900, onde teve uma livraria e se dedicou a escrever vários trabalhos historiográficos. Quando retornou a Portugal se dedicou a escrever outros trabalhos, entre eles o livro *A História de Antônio Vieira*, 2 vols.

[...] Retornou ao Brasil em 1681 e em 1688 foi nomeado como visitador da Companhia no Brasil. Mas, já com 80 anos de idade, doente, dedicou-se aos seus escritos, visando a edição em 15 volumes de seus Sermões, iniciada em 1679. Em 1694, a queda de uma escada o impediu de continuar a escrever de próprio punho e, em 1697, perdeu a voz, silenciando seus discursos. Antônio Vieira faleceu aos 89 anos de idade em 1697.

Antônio Vieira – por suas qualidades intelectuais aliadas a sua tendência para a pregação, sua fé e sua capacidade em conviver nos ambientes mais diversos – tornou-se, sem sombra de dúvida, um dos mais respeitáveis personagens dentro da Companhia de Jesus, e é considerado, aqui no Brasil, um importante representante da política católica portuguesa no século XVII.

CAPÍTULO II ANÁLISE DA ESTRUTURA ARGUMENTATIVA DO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

1 O gênero discursivo sermão

O sermão é um gênero discursivo conhecido, que já foi e ainda é muito praticado. Tem como característica a argumentação e a persuasão. Para sua elaboração, o orador deve utilizar as técnicas e os instrumentos necessários, com a finalidade de atingir seu objetivo principal, que é conquistar a adesão de seus ouvintes.

De acordo com Mainguenu (2010, p. 114), a palavra sermão vem do latim *sermone* e significa conversação. O autor esclarece que “o termo sermão implica certa assimetria entre uma posição superior 'a do *sermonner*' [o que faz/passa um sermão], e uma posição inferior 'a do *sermonné*' [aquele a quem o sermão é dirigido]”.

O autor explica ainda a diferenciação feita por algumas pessoas entre *homília* e *sermão*: “a homília é antes de tudo consagrada a um texto, enquanto o sermão é antes de tudo consagrado a um tema moral ou espiritual” (MAINGUENAU, 2010, p. 113).

A *homília* é definida por Pereira Júnior (2013) como um ramo da retórica especializada apenas em preparar sermões, diante da preocupação da Igreja de causar o impacto das palavras com seus discursos sobre os católicos.

O gênero discursivo sermão é considerado como um reflexo das estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura e, por isso, a variação cultural traz consequências significativas para a variação de gêneros, conforme explica Silva (2013). Ou seja, com as transformações societárias, os gêneros também mudam, e assim, o sermão praticado atualmente não é exatamente o mesmo praticado por Antônio Vieira. O que, cabe destacar, não diminui a importância de seu conteúdo histórico.

Sobre o assunto Nascimento (2007, p. 156) assevera que:

Hoje os sermões são lidos, mas no tempo de Vieira eles eram ouvidos [...] Para uma leitura apropriada dos sermões de Vieira é necessário

compreendê-lo dentro do pensamento e dos pressupostos filosóficos e teológicos do período.

Tratando o sermão de uma forma mais específica, Oliveira (2008, p. 61) esclarece que:

O reconhecimento do gênero do discurso sermão pela sua especificidade pertence ao campo religioso, por sua temática pode até abranger questões sociais, políticas, filosóficas, dentre outras, porém sempre terá por base temas religioso.

Pelo fato do sermão ter, como uma de suas características principais, a persuasão dos fiéis e, também, dos não fiéis, para sua elaboração é necessário envolver técnica, instrumentos e sistematização, a fim de que possa atingir essa finalidade.

Sobre essas características, Silva (2013, p. 21) ressalta que:

O sermonista, ou seja, aquele que prega o sermão, além de preocupar-se com a cadência da voz, a postura, as palavras utilizadas e a adequação desses elementos de acordo com o ambiente e o nível sócio cultural, ou seja, preocupa-se com o auditório a quem a mensagem está sendo direcionada.

Reboul (2000, p. XIV) define em seus estudos o que seria um discurso, segundo o autor: “[...] toda a produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma seqüência *[sic]* de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido”.

Essa definição feita por Reboul (2000) abrange o discurso de uma forma generalizada, porém o autor adverte que a retórica não é aplicada a todos os discursos, mas somente àqueles que possuem como finalidade persuadir. Dentre os vários tipos de discursos citados pelo autor se destaca o sermão.

No tempo em que o padre Antônio Vieira pregava já se imaginava como o sermão seria proferido. Iniciava-se com a retomada do Evangelho, em seguida abordava a relação com um fato da atualidade, e para finalizar, eram proferidas suas orientações morais e éticas. No caso do Sermão da Sexagésima, para a retomada do Evangelho foi utilizada a Parábola do Semeador; um fato daquele momento foi relacionado aos problemas envolvendo a perseguição aos jesuítas na província do Maranhão no Brasil colônia, inclusive ao próprio Vieira, porque defendiam as

populações indígenas que eram exploradas economicamente pelos colonos e proprietários da terra; e sobre as orientações morais e éticas destacou-se o interesse do jesuíta em transmitir o ideário católico de seu tempo.

Diante de tudo que foi abordado até aqui sobre o gênero discursivo sermão, pode-se dizer que ele possui sua temática, suas formas composicionais e estilísticas próprias, cuja finalidade maior seria a persuasão religiosa de seu auditório. Como o sermão da Sexagésima tinha, por finalidade, a persuasão através da temática religiosa, faz-se necessário explicar o que seria discurso persuasivo e religioso, destacando suas contribuições para a construção do referido sermão de Vieira.

Segundo Reboul (2000, p. XVIII), o discurso persuasivo está fundamentado em dois aspectos: o argumentativo e o oratório, nem sempre fáceis de distinguir. O autor enfatiza que os gestos do orador, o tom e a inflexão de sua voz são puramente oratórios, porém as figuras de estilo como a metáfora, a hipérbole, a antítese são oratórias por contribuírem para agradar ou comover e, também, são argumentativas no sentido de exprimirem um argumento, tornando-o mais contundente.

A finalidade de um discurso persuasivo é sua ação, e é nele que se baseou padre Antônio Vieira para elaborar e proferir seus discursos. Ao desempenhar seu papel de missionário e de político, o pregador evidencia sua intenção de não apenas converter para o saber cristão, mas também de converter para um saber que venha determinar uma transformação histórica, cultural e social.

Como já foi abordado, o discurso não é desprovido de intencionalidade. Nele existe uma manipulação consciente e inconsciente daquele que o profere por meio de estratégias argumentativas para convencer seu auditório. Mainguenu (2010, p. 101) explica que:

O discurso religioso, enquanto discurso constituinte faz parte desses discursos que são radicalmente heterogêneos, que associam gêneros de discursos muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da *Fonte* que os funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana. É o conjunto de interações entre gêneros bastante diversos que é preciso estudar, em vez de considerar que o essencial está localizado nas arquiteturas doutrinárias ou, ao contrário, nos gêneros do cotidiano.

Fica evidente que a construção de um discurso religioso não é uma tarefa fácil, pois se divide entre a interpretação do texto fundador (o bíblico) e as práticas religiosas que estão associados a ele.

Sobre o texto fundador, Reboul (2000) assevera que a Bíblia será o suporte utilizado pelo cristianismo para a sua elaboração. Para interpretá-la são empregados todos os recursos da retórica tais como metáforas, alegorias, jogos de palavras, antíteses e argumentações.

Dessa forma, o discurso persuasivo e o religioso desempenharam papéis relevantes e com diferentes funções na elaboração do sermão da Sexagésima, com a finalidade de atender a intencionalidade do padre Antônio Vieira, que era convencer seus ouvintes ao proferir o sermão.

2 Arquitetura e significado do Sermão da Sexagésima

O Sermão da Sexagésima foi proferido no ano de 1655, vindo a se constituir em um verdadeiro paradigma de retórica. É considerado um Sermão diferente, didático, pois com o Sermão o Vieira se propôs a ensinar os pregadores a pregar, e teve a intenção de persuadir seus ouvintes. Pregava o Sermão de forma elaborada, dando-lhe um sentido próprio.

O Sermão é composto de dez capítulos e segue o modelo clássico dos sermões da época. Foi construído seguindo rigorosamente a estrutura consagrada da retórica, ou seja, composta de *prólogo*, *argumentação* e *peroração*.

Fernández (2008) ilustra que o *prólogo*, geralmente, é dividido em *tema*, *introito* e *invocação*. O *tema* seria a exposição e justificativa da escolha da sequência evangélica sobre a qual se pretendia fundamentar o sermão. O *introito* seria a exposição de um plano para o sermão, momento em que o pregador apresenta a ideia ou as ideias fundamentais que deseja desenvolver. A *invocação* seria a última parte do *prólogo*, momento em que o sermônista pede auxílio e inspiração sobrenatural.

No caso do sermão de Vieira, o *prólogo* não se constituía de uma simples convenção artística. Sua função, segundo Fernández (2008) era a de tornar o auditório atento e doce, aceitando sem questionar os objetivos do discurso.

A segunda parte do Sermão, a *argumentação*, seria o corpo central do texto. É preparada segundo as regras de oratória, e tem como finalidade convencer ao auditório presente na Capela Real. Em um sermão que segue as regras consagradas da retórica, esta parte pode ser confirmada com exemplos bíblicos,

experiências pessoais, dentre outros. No caso do sermão estudado neste trabalho, Vieira utilizou um exemplo bíblico: *A parábola do semeador*.

Fernández (2008, p. 4) comenta que, nessa parte do sermão, “[...] deve-se ainda prever os argumentos contrários e refutá-los. Pelos argumentos, o pregador induz seus ouvintes a uma ação ou a uma decisão”.

A última parte do sermão, a *peroração*, é onde se concentra a persuasão; é o momento em que o orador sacro, ao lançar suas conclusões, busca persuadir os seus ouvintes. Nessa parte, o sermônista deixa a última impressão de seu discurso.

Jung (2008, p. 58), em seu trabalho intitulado *Retórica e pregação religiosa no sermão da Sexagésima do padre Antônio Vieira*, esclarece sobre a origem do nome do sermão:

[...] o nome do sermão teve sua origem na época em que foi pregado durante o calendário eclesiástico. O domingo de Páscoa era precedido pelos quarenta dias da Quaresma, que se iniciava na Quarta-feira de Cinzas. A Sexagésima ocorria duas semanas antes do primeiro domingo da Quaresma. No fim do presente sermão, o auditório foi lembrado dessa circunstância quando o pregador declarou: “Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na igreja, em que ela se arma contra os vícios”.

Melo (2005), em sua dissertação de mestrado na qual analisou a argumentação e a persuasão no Sermão de Vieira, explica o respectivo Sermão, apresenta-o como uma exposição doutrinária e exemplo modelar de pregação. Segundo ela, nesse sermão, Vieira subordina a arte de pregar a sua experiência eclesial evangélica e confirma seu desempenho como missionário, visionário e político. Destaca, ainda, sua simplicidade e elegância, afirmando que o sermão possui estrategicamente combinações e articulações que são destinadas a prender a atenção dos ouvintes com a intenção de convertê-los e levá-los à ação.

Filho (1998, p. 1) considera o sermão da Sexagésima como verdadeiro paradigma teórico de base aristotélica, pois “Vieira exercita com mestria o discurso como espetáculo, na melhor tradição do engenho barroco”. Ainda segundo o autor, Vieira serve-se da metáfora e reescreve com a tinta da alegoria o discurso clássico. Cita claramente Aristóteles, juntamente com Cícero e Quintiliano, além de São Crisóstomo, São Basílio Magno, São Bernardo e São Cipriano, oradores da Igreja.

Os autores aqui citados que estudaram o Sermão, em seus textos enaltecem Vieira, e principalmente, destacam entre suas inúmeras habilidades a de convencer e persuadir pela palavra.

O Sermão, segundo Meksenas (2007, p. 49) aborda os problemas da perseguição dos jesuítas na província do Maranhão no Brasil colônia. Ao chegar em Portugal, Vieira proferiu o Sermão com o objetivo de obter o apoio político da Coroa portuguesa e da alta hierarquia da igreja católica em favor do trabalho dos jesuítas na referida província.

Margutti (2008, p. 172-173), por sua vez, salienta que:

Para melhor compreender o sermão é importante lembrar dois sermões anteriores, o da *Quinta Domingo da Quaresma* e o de *Santo Antônio*, ambos proferidos no Maranhão, contra os abusos dos colonos em suas tentativas de escravizar os índios. O último foi inclusive proferido às vésperas da partida de Vieira para Lisboa, onde pretendia buscar o apoio do rei contra os colonos. Depois de atacar estes últimos nos sermões mencionados, no da Sexagésima ele se volta contra os dominicanos, seus adversários na tarefa missionária. Aqui, ele critica a maneira de pregar destes religiosos. [...], porém não deixa de fazer uma alusão aos colonos, prometendo retornar logo ao Brasil, provido dos meios necessários para conter seus abusos.

Esses autores enfatizam que, dentro do contexto da obra do padre Antônio Vieira como pregador, o Sermão da Sexagésima é de fundamental importância, porque se constitui numa das melhores ilustrações de sua militância política e de seu papel missionário. É neste sermão que se encontra a chave para a compreensão da obra do jesuíta, e ele próprio reconhece tal fato, visto que o sermão é apresentado no início do primeiro volume de suas obras.

3 Conteúdo temático

O tema do sermão da Sexagésima possui, como base, o texto bíblico *A Parábola do Semeador ou a Palavra de Deus*, do Evangelho de São Lucas, capítulo 8 do versículo 5 ao 15, uma das parábolas mais conhecidas de Jesus.

A parábola, segundo Zabatiero (apud JUNG, 2008, p. 58),

É um gênero literário que, formalmente, consiste de uma história 'típica' da realidade cotidiana do ouvinte e lhe oferecendo um exemplo de

comportamento ao qual reagir [...] mas a parábola é mais que uma mera forma. Tem uma força persuasiva muito grande. [...] Três elementos são essenciais na parábola: um ponto de contato com a realidade do ouvinte, a resposta (ou reação) do ouvinte e um conjunto de temas teológicos no âmbito da história ou comparação que forma o ponto de contato entre as duas esferas da realidade representada na narrativa.

O teor da parábola e o seu significado alegórico foram colocados por Jesus aos seus discípulos da seguinte forma:

Um semeador saiu a semear sua semente e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram. E outra caiu sobre a pedra e, nascida, secou-se, pois que não tinha umidade, e outra caiu entre os espinhos e, crescendo com ela, os espinhos a sufocaram. E outra caiu em boa terra e, nascida, produziu fruto, cento por um. Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta? E ele disse: a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas aos outros por parábolas, para que, vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam. Esta é, pois a parábola: a semente é a palavra de Deus. E os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem, depois vem o diabo e tira-lhes do coração a palavra, para que se não salvem crendo. E os que estão sobre pedra, estes são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria, mas, como não têm raiz, apenas creem por algum tempo, e no tempo da tentação se desviam. E a que caiu sobre espinhos, esses são os que ouviram, e, indo por diante, são sufocados com os cuidados e riquezas e deleites da vida, e não dão fruto com perfeição. E a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança (SAYÃO, 2006, p. 104-105).

O narrador dessa parábola tem a intenção de mostrar aos seus discípulos o efeito da palavra de Deus na vida do ouvinte, demonstrando duas atitudes diferentes: os que não dão frutos e os que dão, ou seja, os que não atentam aos ensinamentos da palavra de Deus e os que abandonam seus vícios e passam a praticar a virtude.

No Sermão, o versículo 11 da parábola, “A semente é a palavra de Deus”, foi constantemente repetido pelo padre Antônio Vieira em latim: *Semen est verbum Dei*. A repetição tem por finalidade ressaltar a mensagem resultante dessa palavra que estava sendo utilizada como objeto da pregação.

Ao tomar como tema a Parábola do semeador, seguir sua própria orientação e articular diferentes subtemas nela contidos, ele constrói:

[...] o seu grande tema que os pregadores, não somente os jesuítas se empenhem em converter seus ouvintes, que profiram sermões que sejam inteligíveis e capazes de reformar costumes [...] de acordo com os ensinamentos católicos (OLIVEIRA, 2008, p.65).

Jung (2008, p. 70) apresenta de uma forma sucinta, o conteúdo de cada capítulo do Sermão da Sexagésima:

Capítulo I – é apresentado o assunto do sermão; Capítulo II - são realizados questionamentos, queixas e comparações, sobre o fraco desempenho da palavra de Deus; Capítulo III – São apresentadas as possíveis causas do pouco fruto da palavra de Deus, aqui são excluídos da culpa: Deus e o ouvinte. Recaindo a culpa apenas sobre o pregador; Capítulo IV – Apresenta as cinco circunstâncias relacionadas com a pregação e trata primeiramente da pessoa do pregador; Capítulo V – o estilo do pregador; Capítulo VI – a matéria do pregador; Capítulo VII – a ciência do pregador; Capítulo VIII – a voz do pregador; Capítulo IX – Queixa contra os pregadores por não pregarem a palavra de Deus, acusando-os de serem falsas testemunhas; X – Independente do gosto do seu auditório, o pregador deve ter a obrigação de pregar a palavra de Deus, pois deverão prestar contas a Deus.

Na parte I do Sermão, padre Antônio Vieira articula o início da Parábola “Saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina” (1965, p. 1) com sua própria experiência de ter ido ao Maranhão como missionário da ordem religiosa a qual pertencia, com a finalidade de levar a fé católica aos gentios, porém, para isso, era preciso catequizá-los. Continua ainda enfatizando que o verbo *sair* deve ser aplicado aos missionários, sugerindo que saiam a pregar, mas que não voltem. Para ilustrar essa parte do sermão, Vieira inspirou-se no profeta Ezequiel ao descrever uma de suas missões.

Ainda nessa primeira parte do Sermão, o pregador relacionará claramente o semeador bíblico com a situação dos jesuítas no Maranhão e as dificuldades e padecimentos encontrados por eles para a frutificação das sementes. Jung (2008, p. 61) faz algumas observações pertinentes a esse respeito:

Vieira volta ao trigo da parábola que foi mirrado, afogado, comido e pisado. Tudo isto também sofreram os pregadores durante os anos (1643-1665) no Maranhão, onde ele também atuara e para onde ele voltaria. Lá os missionários passaram fome, perseguição e muitos deram sua vida pela causa. [...] assim Vieira anima os pregadores a arriscarem o último quartel de suas vidas para que possam ver flores e frutos.

Ao animar os pregadores que se encontravam no Maranhão, Vieira afirma que se contentaria se um só homem se convertesse a cada cem sermões. Lamenta que antigamente houvesse mais conversões do que em seu tempo e finaliza declarando que: “Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir” (VIEIRA, 1965, p. 3).

Ao pregar sobre a situação dos jesuítas no Maranhão, padre Antônio Vieira finaliza dizendo que não se queixa pelos homens, mas sim pela seara:

Não me queixo nem o digo Senhor, pelos semeadores, só pela seara o digo, só pela seara sinto. Para os semeadores, isto são glórias; mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados (VIEIRA, 1965, p. 2).

Na parte II, Vieira apresenta a matéria do Sermão que está proferindo. O pregador se inclui como ouvinte receptor de sua própria mensagem e realiza a pergunta central que será respondida no decorrer do discurso: “Se a palavra de Deus é tão eficaz e poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus?” (VIEIRA, 1965, p. 3). No texto bíblico é ressaltado que a semente que caiu em terra boa deu fruto, cento por um”.

Na parte III do Sermão, Vieira destaca as três possíveis causas da falta de frutificação da palavra de Deus: por parte do pregador, por parte do ouvinte e por parte de Deus. Logo no início elimina Deus como o responsável pela falta de frutificação: “Primeiramente por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos” (VIEIRA, 1965, p. 3).

Da mesma forma é descartada a ideia de que essa falha está relacionada aos ouvintes: “Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus, se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. No Evangelho o temos” (VIEIRA, 1965, p. 3).

Diante do exposto no sermão, Vieira conclui que a falha está nos pregadores, e ele também se inclui: “E assim é. Sabeis, cristãos, porque não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, porque não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa nossa” (VIEIRA, 1965, p. 4). Ou seja, Vieira afirma a importância do sermão nos ensinamentos aos quais se propunha, no caso o da fé cristã.

Sobre a isenção de culpa dos ouvintes, Jung (2008, p. 63) faz o seguinte esclarecimento:

Mesmo que a palavra de Deus não produz frutos nos ouvintes, ela faz efeito como a semente que caiu nos espinhos e nas pedras. Isto significa que nos

ouvintes de entendimento agudo (espinhos) e nos de vontade endurecidas (pedras) a palavra de Deus faz efeito, pois nasce e poderia dar fruto se encontrasse as condições propícias.

Ao dividir o tema do Sermão, padre Antônio Vieira estabelece relações tríades:

- Pregador – Espelho – Doutrina, tendo, para isso a ação da persuasão;
- Ouvinte – Olhos – Conhecimento;
- Deus – Luz – Graça.

Da parte IV à VIII, Vieira se preocupa em apresentar suas provas e refutações. Com a finalidade de convencer, ele considera cinco circunstâncias que poderiam ser as causas da culpa do pregador: a *Pessoa*, a *Ciência*, a *Matéria*, o *Estilo* e a *Voz*.

Ao tratar da *Pessoa* ressalta primeiramente o binômio palavra/obra:

Porque hoje se pregam palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiros sem bala; atroam, mas não ferem. [...] o pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras, para falar ao coração, são necessárias obras (VIEIRA, 1965, p. 4).

Para o binômio olhos/ouvidos, Vieira busca em uma passagem bíblica fundamentos para sua proposição:

[...] Por que não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Por que convertia o Baptista tantos pecadores? – Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos. [...] Se os ouvintes ouvem uma coisa e veem outra, como se hão de convencer? (VIEIRA, 1965, p. 5).

O primeiro binômio: palavra/obra – contido no sermão mostra a importância para o padre Antônio Vieira de a palavra vir obrigatoriamente acompanhada da obra, que representaria a realização, a ação do verbo que se fez carne. Já no segundo binômio: olhos/ouvidos, ele instrui que um sermão só pode mover, se os ouvintes conhecerem os diferentes sons e vozes, e o pregador for exemplo com suas obras.

Na parte V do Sermão, Vieira se predispõe a falar sobre o *Estilo* do pregador usado nos púlpitos em sua época. Fernández (2008, p. 5) faz o seguinte esclarecimento:

É nessa parte que encontramos a crítica levantada por Vieira contra os padres dominicanos, cujo estilo, pautado na concepção cultista, dificultava o entendimento do sermão. Para o jesuíta, “o estilo há de ser muito fácil e muito natural”.

Vieira condenará os excessos do cultismo¹⁶ na eloquência religiosa pregada no púlpito por meio de um estilo “empeçado”, “dificultoso”, “afetado”, a favor de um estilo “muito fácil” e “natural” (JUNG, 2008, p. 64).

Na parte VI, é analisada a *Matéria* usada pelos pregadores ao apostilarem (tomarem muitas matérias, muitos assuntos) o Evangelho. Vieira tece severa crítica àqueles pregadores que, em seus sermões, utilizam-se de muitas matérias, muitos assuntos e que terminam por não conseguirem persuadir os ouvintes. Para ele, deve-se tomar um só assunto, pois não se pode correr esse risco.

Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la para que se conheça; há-de dividi-la para que distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstancias, com as conveniências, que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas; há-de satisfazer as dificuldades; há-de impugnar e refutar, com toda a força e eloquência, os argumentos contrários e, depois disto, há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto (VIEIRA, 1965, p. 6).

Nessa citação do sermão, pode-se perceber a força sonora causada pela anáfora¹⁷ “há-de” acompanhada de verbos na forma infinitiva, que, semanticamente, também implica na urgência da realização da ação, do movimento.

Ainda sobre o conteúdo do Sermão, Vieira salienta que existe uma grande diferença entre expor e pregar, ensinar e persuadir, e que o pregador deve usar todos os recursos que estiver ao seu alcance para que o sermão cumpra o seu papel de persuasão, que mantenha uma unidade e comprove todas as suas teses através de citações de textos bíblicos. “Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são [...] uma coisa é expor e outra é pregar, uma coisa é ensinar e outra é persuadir. É desta última é que eu falo” (VIEIRA, 1965, p. 7).

A parte VII do Sermão é dedicada pelo autor à *Ciência*. Aqui o problema se relaciona com a autoria do discurso em que a dicotomia entre o próprio/o alheio

¹⁶ Cultismo: é caracterizado pela linguagem rebuscada, culta, extravagante; pela valorização do pormenor mediante jogos de palavras (NICOLA, 1990).

¹⁷ Anáfora é a repetição de uma determinada palavra ou trecho no início de um ou mais versos ou frases (NETO, 2004).

permeará a preocupação de Vieira, pois, de acordo com ele, muitos pregadores usavam o sermão alheio e não o seu próprio, justificando assim a falta de frutos.

Oliveira (2008, p. 69) ressalta que “Vieira estabelece uma relação entre entendimento e memória; segundo ele, pregar não é recitar, os homens não se convencem pela memória, mas pelo que consegue entender”. Justifica essa assertiva com o seguinte trecho do Sermão: “As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento” (VIEIRA, 1965, p. 7).

Vieira não se fundamenta apenas nessa razão, ele reconhece que João Batista usava o conteúdo das pregações de Isaías para as suas próprias. O que o autor evidencia aqui é a diferença no modo como esse tipo de pregação é feita, baseando-se no mistério de Pentecostes:

No Pentecoste, as línguas de fogo, símbolo do Espírito Santo, desceram sobre a cabeça de cada um dos apóstolos, da cabeça sai a pregação passando pela boca. Os diferentes estilos decorrem do fato de cada um ter recebido a sua língua, assim temos diversos estilos dos apóstolos, como por exemplo: fácil, o de Mateus; misterioso, o de João, grave o de Pedro; forte o de Jacó (Tiago); sublime o de Tadeu, e todos com tal valentia no dizer que cada palavra era um raio, e cada razão um triunfo (JUNG, 2008, p. 66).

Jung (2006, p. 66) cita também outra parte do sermão que reafirma o que Vieira fala sobre a dicotomia entre o próprio e o alheio:

Os futuros apóstolos de Jesus foram chamados para serem pescadores de homens, enquanto estavam fazendo (na verdade consertando) suas redes, significa que a pesca deve ser realizada com redes feitas pelos outros, mas pelos próprios pescadores.

Na parte VIII, Vieira comenta sobre a *Voz do orador*. De acordo com ele, antigamente os oradores pregavam bradando, hoje pregam conversando.

[...] Não clamará, não bradará, mas falará com uma voz tão moderada que se não possa ouvir fora. E não há dúvida de que o praticar familiarmente e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma [...] Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo; Salomão multiplicava e variava os assuntos; Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e, contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam (VIEIRA, 1965, p. 8).

Após explicar as cinco circunstâncias do pregador, Vieira esclarece que nenhuma delas é a causa de a Palavra de Deus nas pregações nem sempre ser frutífera, e que mesmo encontrando vários estilos e modos de agir dos pregadores, todos falavam, persuadiam e convenciam. Destarte, a procura da verdadeira causa da falta de frutos nas pregações ainda continua.

Na parte IX, padre Antônio Vieira faz uma recapitulação do que foi apresentado no Sermão, e aqui é dada a resposta para a questão central da pregação: a causa de tão pouco fruto da palavra de Deus, apesar de tantas pregações. "Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? – É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus" (VIEIRA, 1965, p. 8).

Na parte X, que corresponde ao *Epílogo*, ele finaliza o Sermão, apresentando ao auditório o que, para ele, deve ser a pregação que frutifica:

A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme, quando cada palavra do pregador é um torcedor para o coração do ouvinte, quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atônito, sem saber parte de si, então é a preparação qual convém, então se pode esperar que faça fruto: *Et fructum afferunt in patientia* (VIEIRA, 1965, p. 10).

Para Vieira, o importante não é despertar no ouvinte a sua admiração pelo pregador por este utilizar um estilo cheio de palavras difíceis e ser eloquente, mas despertar sua consciência em relação aos seus atos, encaminhando-o para uma nova reflexão sobre os efeitos de suas atitudes e se isso é a vontade de Deus para suas vidas.

4 Argumentos do Sermão

No sermão da Sexagésima, as partes de IV a VIII foram dedicadas à argumentação, e geralmente seguiam a seguinte estrutura: iniciava-se com uma pergunta que seria respondida no final da Parte; algumas vezes essa resposta vinha acompanhada de uma pergunta que anteciparia a próxima parte do Sermão, como mostra o trecho a seguir no início e final do capítulo IV e no início do capítulo V:

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? [...] Outra é logo a causa que buscamos. Qual será? [...] será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? (VIEIRA, 1965, p.4-5)

No sentido de exemplificar como era a estrutura, foi citado esse trecho do Sermão que corresponde ao final da parte IV e início da V, momento em que Vieira finaliza essa parte e questiona sobre a culpa do pregador em relação aos poucos frutos da palavra de Deus, e a seguir, elenca as cinco circunstâncias que poderiam ser a causa para que os pregadores fossem os culpados. Ao iniciar a parte V, o sermônista questiona se a culpa não estaria no *estilo* do pregador como tentativa de buscar essa causa.

Considerando ainda a parte do Sermão citada, Vieira concluiu a parte IV com outro questionamento, envolvendo uma outra circunstância que concorre para a culpa do pregador, no caso o *estilo*, que será a próxima questão a ser abordada. Deve-se enfatizar ainda que a parte analisada do sermão está alicerçada também com argumentos em dois eixos temporais: antigamente e hoje. Um exemplo é quando Vieira usa a metáfora do tiro sem bala.¹⁸

Conforme se evidencia nessas palavras, Vieira, prevendo que poderia ser contestado, imediatamente responde ao próprio questionamento. Ao finalizar essa parte do Sermão, ele já instaurou o suspense em seu auditório, mostra-se esperançoso e convida seu auditório a participar de sua busca de respostas para as questões por ele levantadas.

Luz (2012) faz uma análise do sermão utilizando os recursos argumentativos por ele abordados, destacando-se, de acordo com o autor: o argumento por *analogia*; o por *autoridade*; o de *princípio* e o argumento por *exemplo*.

O argumento por analogia, segundo Luz (2012, p. 154):

[...] consiste em traçar comparações entre dois ou mais elementos. Vieira vai, ao longo do sermão, desenvolvendo diversas comparações com passagens bíblicas e com fatos do seu entorno. Este argumento torna mais concretas as ideias defendidas pelo orador, pois o público consegue visualizar e, assim, compreender melhor, o objeto do discurso.

¹⁸ Citação feita na página 49 desta dissertação.

Sobre o argumento *por analogia*, pode-se tecer algumas considerações com base no seguinte trecho do sermão em que Vieira prega sobre uma das cinco circunstâncias questionadas por ele em relação ao pregador – a *matéria*:

[...] O Baptista convertia muitos em Judeia; mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam Domini*: a preparação para o Reino de Cristo. Jonas converteu os Ninivitas, mas quantos assuntos tomou? Um só assunto: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*: a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto; e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão há-de-ser uma só cor, há-de-ter um só objecto, um só assunto, uma só matéria (VIEIRA, 1965, p. 6).

Vieira, ao fazer as argumentações sobre o assunto, apresenta dois pregadores exemplares da Bíblia, um do Antigo Testamento – Jonas – e o outro do Novo Testamento – João Batista. “Eles foram evocados como autoridades divinas para confirmar aquilo que o texto-base dava a entender, e o que as experiências humanas confirmam” (JUNG, 2008, p. 103).

Ambos pregaram sobre um único assunto. Jonas anunciava a destruição de Nínive, a menos que ocorresse arrependimento. João Batista também chamava ao arrependimento. São dois pregadores e a ideia de matéria única. Essa semelhança e o fato de ambos terem alcançado sucesso na missão para a qual haviam sido destinados, faz com que o argumento se torne irrefutável.

O segundo argumento, o *por autoridade*, de acordo com Luz (2012, p. 154) “[...] é utilizado sempre que o autor traz para o texto uma voz de autoridade. No caso do sermão, a principal autoridade são as escrituras sagradas, citadas todo o tempo pelo padre”.

Considerando esse argumento, vários são os exemplos encontrados nas partes do Sermão dentre os quais se destaca o já citado na página 52 desta dissertação, o qual se refere à forma como cada discípulo fala ou se porta, e que independente da forma todos persuadiam e convenciam. Nessa parte do Sermão, vários foram os personagens bíblicos citados e, no caso específico desse trecho, todos são do Velho Testamento (Moisés, Amós, Salomão e Balaão); importante ressaltar que Vieira se utilizou igualmente dos textos do Novo Testamento para compor seu discurso.

Jung (2008, p. 72) faz um interessante esclarecimento sobre o quanto Vieira se utilizou das Escrituras Sagradas para compor seus argumentos em relação ao Sermão da Sexagésima:

Toda a Bíblia, Antigo e Novo Testamento, consideravam-se inspirada, e, portanto, fundamento sólido para a fé e conduta, sendo que suas verdades não podiam ser questionadas, por isso Vieira a usava com profusão como autoridade na defesa de suas teses. Neste sermão, as referências vão de Gêneses ao Apocalipse; são 24 citações de 15 livros (dos 46) do Antigo Testamento e 27 citações de nove livros (dos 27) do Novo Testamento.

Fica evidente que Vieira valeu-se das Escrituras Sagradas – que era o maior argumento de autoridade de sua época, aceita por todos e apoiada pela tradição cristã e clássica – para conseguir persuadir seu auditório.

Em relação ao argumento de *princípio*, Luz (2012, p. 154) define que "[...] é usado quando o padre apresenta verdades indiscutíveis, como, por exemplo, quando ele afirma que o problema dos sermões não poderia jamais estar na palavra de Deus, uma vez que Deus nunca falha".

O argumento, por exemplo, é o último citado por Luz (2012, p. 154) e foi "[...] abundantemente usado ao longo do sermão, consiste em citar nomes e fatos que reforçam as ideias defendidas pelo orador/pregador".

Ao desenvolver sua argumentação, Vieira estabelece os requisitos que trariam o sucesso do sermão, ou seja, primeiramente deveria ocorrer a persuasão por parte do enunciador/emissor, a seguir, o entendimento por parte do ouvinte/receptor e, por último, a relevância do tema/mensagem que devia ser demonstrado com clareza.

O pregador, ao proferir seu sermão, precisa persuadir seu ouvinte, seu auditório; ele precisa tocar suas emoções para que, ao entender a mensagem do sermão, possa mudar suas ações e, para que isso ocorra, o tema precisa ser organizado e apresentado de uma forma clara e objetiva. Vieira, engenhosamente, soube explorar, com fortes argumentos e diversos recursos estilísticos, a adesão de seu auditório.

Padre Antônio Vieira construiu uma argumentação bem estruturada no Sermão da Sexagésima, em que, mesmo com o uso abundante de sua erudição, conseguiu tornar-se claro em sua pregação, fazendo com que seu auditório não

encontrasse dificuldade em entendê-lo. O sermônista, ao discutir as características do bom pregador/orador, coloca-se em ação no seu próprio discurso.

5 Algumas figuras retóricas contidas no Sermão da Sexagésima

A retórica possui, em algumas figuras, um importante recurso estilístico, cuja finalidade é a de prender a atenção dos ouvintes nos argumentos articulados pelo discurso. Essas figuras desempenham a função de redefinir uma informação específica, atendendo, dessa forma, seu objetivo que é prender a atenção do receptor.

No caso do Sermão da Sexagésima, ao se utilizar dessas figuras, o padre Antônio Vieira pretendia esclarecer para o seu auditório passagens não claras da doutrina católica. “[...] foi tanto pela metáfora como pelas analogias e mesmo pelas alegorias que Vieira construiu belas imagens em seu sermão, sobretudo quando narrava alguma passagem bíblica” (FERNÁNDEZ, 2008, p. 7-8).

Ele fez uso, para esse sermão, de algumas figuras retóricas, dentre as quais se destacam a metáfora e a alegoria. A elas, acrescenta-se ainda o exemplo que, de acordo com Fernández (2008, p. 8), permite uma aproximação com a vida do ouvinte porque é similar às vivências cotidianas, mas também serve como uma forma de moralização dos atos humanos. Os exemplos tornam a demonstração muito mais fácil de penetrar na alma e no raciocínio do ouvinte.

Segundo a autora, geralmente para exemplificar, o pregador recorria ao texto sagrado, no caso, o bíblico. Porém Vieira também deu destaque a demonstrações mais extravagantes e, ao mesmo tempo, menos conhecidas, e justifica sua preferência afirmando o fato de “[...] que os exemplos menos conhecidos ainda não tenham se estabelecido como senso comum, teriam maior efeito no intento de persuadir o ouvinte (FERNÁNDEZ, 2008, p. 8).

Destaca-se no sermão da Sexagésima um exemplo marcante que é a analogia feita por Vieira entre o sermão e a árvore:

Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria, deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da

mesma matéria e continuados nela; estes ramos hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o semão (VIEIRA, 1965, p. 7).

Com a imagem da árvore concreta, Vieira a associa ao conceito abstrato de composição de seu discurso oratório. Ao realizar esta comparação, ele procura provar o sentido da linguagem, seguindo uma ordem interna no sermão da Sexagésima.

Vieira, neste sermão, também faz uso de outro recurso estilístico: a metáfora. Definida por Citelli (2002), como uma figura que se caracteriza por denominar representações para as quais não se encontra um designativo mais adequado e que possui alguns processos próprios: *transposição* e *associação*.

Oliveira (2008, p. 87-88) expõe algumas das metáforas contidas no Sermão:

a) Parte I do Sermão:

- Semeador e semente ► Pregador e palavra de Deus
- Espinhos, pedra, caminho e terra boa ► Tipos de corações dos homens
- Lavoura ► trabalho missionário
- Frutos ► conversões

b) Na parte II do Sermão Vieira retoma as metáforas do trigo, espinho, pedra, caminho e terra boa, abordando-as de forma mais clara.

c) Parte III destacam-se:

- Olhos ► Conhecimentos
- Espelho ► Doutrina
- Luz ► Graça de Deus
- Pedras e espinhos ► Piores ouvintes que pode haver em uma Igreja – pedras pela dureza e espinhos pela agudeza

d) Parte IV:

- Pregar (falar) ► fazer com a boca
- Pregar (semear) ► fazer com a mão

- Tiros sem bala ► palavras sem obras

e) Parte V:

- Semear ► arte que tem mais natureza que de Arte
- Céu ► Pregador
- Estrelas ► Palavras
- Sermão ► A composição, a ordem, a harmonia e o curso das palavras.

f) Parte VI:

- Árvore ► Sermão
- Raízes fortes ► Evangelho
- Tronco ► Um só assunto
- Ramos ► Discursos
- Folhas ► Palavras
- Varas ► Repreensão dos vícios
- Flores ► Sentenças
- Frutos ► Finalidade do sermão

g) Parte VII:

- Pregar com o alheio ► Focar a memória/ Não conseguir conversão
- Pregar com o próprio ► focar o entendimento/ Conseguir conversão
- Pomba divina ► Espírito Santo

h) Parte IX:

- Palavras de Deus ► Palavra pregada no sentido que os pregadores querem/ Tentação/ Fábula.
- A Palavra de Deus ► Palavra pregada no sentido em que Deus a disse, Defesa/ Verdade

i) Parte X:

- Aves ► Demônios
- Semeadores do Evangelho ► Dominicanos e jesuítas.

Outro recurso estilístico que se pode encontrar no Sermão é a alegoria, que segundo Fernández (2008, p. 09) é: “Um tipo de representação figurativa que visa a transmitir um significado outro que o expresso no literal”. A autora ao compará-la com a metáfora assevera que ela se apresenta de maneira mais completa e se sustenta por mais tempo do que os detalhes apresentados pela segunda.

Reboul (2000, p. 243), por sua vez, define a alegoria como “Descrição ou narrativa de que se pode tirar, por analogia, um ensinamento abstrato, geralmente religioso, psicológico ou moral; exemplos são o provérbio, a fábula e a parábola”.

No Sermão da Sexagésima, um exemplo evidente de alegoria utilizada por Vieira é a Parábola do Semeador (SÃO LUCAS: 8,5-15).

Considerando as figuras do Sermão, pode-se afirmar que todo ele foi estruturado em torno da seguinte figura: “a semente é a palavra de Deus” que dá toda uma unidade ao discurso. As figuras do Sermão possuem um caráter bem específico no plano da argumentação; sendo assim, não podem ser consideradas como meros ornamentos exteriores do discurso.

Após a apresentação sobre o gênero discursivo sermão, em especial o religioso, e a análise interpretativa sobre a arquitetura, o conteúdo temático, os argumentos e as figuras retóricas do Sermão da Sexagésima, constatou-se que Vieira foi buscar nestas partes abordadas o fundamento que necessitava para construir sua argumentação sermonística e atingir seu objetivo que era convencer seus ouvintes.

Ao analisar a trajetória de Vieira e a forma como construía seus sermões ficou evidente a importância dos seus estudos e de sua crença para sua vida. Para além de sua vocação religiosa, teve em seu percurso como jesuíta a busca pelos seus ideais políticos, que marcaram época em um momento em que o Brasil ainda era colônia de Portugal. Assim Vieira conseguiu através de seus sermões, e em especial o da Sexagésima, mostrar os problemas sociais e políticos pelos quais passavam as comunidades indígenas e os escravos no país, ainda que a missão dos jesuítas fosse a de catequizar e impor a cultura europeia.

CAPÍTULO III O SERMÃO CATÓLICO COMO INSTRUMENTO CULTURAL NO SÉCULO XVII

Este capítulo aborda o sermão católico como instrumento cultural utilizado pelos jesuítas na formação da cultura brasileira no período colonial. Com a finalidade de um aprofundamento maior sobre o tema, é analisado o sermão de Vieira e sua relação com o púlpito. Ao final deste capítulo se destaca o sermão da Sexagésima e suas contribuições para a formação cultural brasileira no século XVII.

1 O papel dos jesuítas na formação da cultura brasileira

Os membros da Companhia de Jesus, ao se instalarem no Brasil a partir do século XVI, serviram de suporte espiritual ao Império português, exercendo, em caráter oficial, a missão de cristianizar os novos povos aqui encontrados e impor a cultura europeia. Tornaram-se, assim, um dos principais representantes da intencionalidade política portuguesa predominante no Brasil Colônia.

Sobre essa intencionalidade do Império português, Paiva (1999, p. 61) aponta que:

[...] a organização das relações sociais vigente à época, ainda que pudesse ser outra, tinha como marca principal a sacralidade, tudo era de forma a realizar a vontade de Deus, tudo era voltado para o sagrado, [...] a cultura brasileira nasce destarte, marcada pela presença da Igreja/religião.

Dessa forma, a Igreja Católica, tendo como representantes os jesuítas, influenciou fortemente a formação da cultura brasileira, já que eles, respaldados pela Coroa portuguesa, tiveram o papel de transmitir, preservar e impor a cultura portuguesa nas Novas terras encontrada. Eles se tornaram os únicos responsáveis pela educação formal na colônia por mais de dois séculos.

Em relação a nossa formação cultural, Paiva (1999, p. 60) faz as seguintes considerações:

[...] a cultura é a forma de viver de uma sociedade, forma que se expande por todas as atividades do homem. Assim sendo, a formação da cultura brasileira está ligada umbilicalmente à sociedade portuguesa quinhentista e seiscentista, posta aqui em nova terra, em contato com outras culturas, a(s)

indígenas(s) e a(s) africana(s), cada qual consolidada sob condições que afetavam num processo lento, mas irrefreável, seus costumes, suas crenças, seus valores, suas instituições, sua visão de vida, enfim suas relações sociais.

O autor destaca aspectos relevantes relacionados à formação cultural do Brasil, entre os quais se ressaltam dois: o primeiro se refere à cultura indígena e o segundo ao destaque dado por Paiva aos períodos em que se iniciou essa formação cultural – quinhentista-seiscentista.

Sobre o primeiro aspecto, salienta-se que os portugueses quando chegaram ao Brasil já encontraram aqui os índios com sua forma de viver e seus ritos. Mesmo em condições adversas, iniciaram um processo lento de aculturação, nem sempre encontrando resultados positivos, como comprova a história.

Relacionado ao segundo aspecto, destaca-se o período seiscentista, pois o padre Antônio Vieira viveu nesse período e, portanto, também participou desse processo, vivenciando, em seu tempo, os problemas relacionados a ele.

Como membro atuante da Companhia de Jesus, Vieira desenvolveu um importante trabalho missionário e político na sociedade colonial brasileira do século XVII, pois, durante os anos em que aqui esteve, empenhou-se em lutar e defender grandes causas, nos aspectos políticos e sociais no Brasil colonial, dentre as quais se destacam as que envolviam a liberdade dos escravos, índios ou negros.

Em relação aos problemas que envolviam os escravos negros, Vieira, em seus sermões XIV, XX e XXVII da série Maria, Rosa Mística, proferidos em Salvador, por volta de 1635, defendeu que eles deveriam ter, ao menos, a liberdade religiosa, já que sua total liberdade era impossível naquele momento, haja vista que a escravidão era legalizada tanto por leis civis quanto religiosas (Amora, 2006).

No que tange ao trabalho missionário desenvolvido pelo inaciano, envolvendo a questão indígena, dela se tratará, mais especificamente, ao se analisar o Sermão da Sexagésima como instrumento cultural, pois ele aborda problemas relacionados à perseguição dos jesuítas, inclusive de Vieira, na província do Maranhão por defenderem a população indígena explorada economicamente por colonos e proprietários de terra.

Ainda sobre o processo de colonização do Brasil, Puentes (2010, p. 478) relata que:

[...] além da produção de açúcar, da exploração do pau-brasil e da extração do ouro, o transplante para a colônia da língua, da religião, do tipo de organização eclesiástica, das instituições administrativas, das leis, da maquinaria jurídica, da estrutura familiar, das formas de convivência e sociabilidade do colonizador.

O autor explicita como o Estado português realizou sua expansão ocidental incorporando sua exploração territorial e ressalta a importância da Igreja Católica naquilo que era referente às questões espirituais nas novas regiões conquistadas.

Confirmando o que Paiva expôs sobre a influência da religiosidade na formação da cultura brasileira, Puentes (2010, p. 478) assevera que o catolicismo se tornou uma das principais características da cultura brasileira, e que:

[...] afirmar que o Brasil nasceu católico não é nenhum exagero. A cultura do país se constituiu pela influência europeia, com base na imagem de um mundo centrado no *Orbis Christianus*, cuja expressão sagrada de todas as coisas foram a figura de Deus e da Igreja Católica sua representante na terra, dando caráter real, legal e cristão ao processo de colonização portuguesa.

A religião passa a desempenhar, na sociedade colonial, uma função de justificação. Ela justifica a ordem social vigente, distinguindo senhores, plebe e escravos, justifica os próprios argumentos usados, sublimando os fatos (PAIVA, 1999). Para isso, a Igreja busca os meios necessários para a conservação de um modelo de sociedade pautada na ordem, hierarquia, subordinação e obediência.

Valores como discrição, agudeza, honestidade, constância, prudência e formação literária e científica com base no *Ratio Studiorum*, passam a ser reproduzidos dentro dos muros dos colégios jesuítas, criando um modelo de sociedade que atendia aos interesses políticos e sociais e o modo de ser de Portugal na colônia.

Em relação aos valores citados, Hansen (2001, p. 13) os denomina como “ideal de excelência humana” que, ao serem divulgados pela Companhia de Jesus como modelo cultural, permitiram a transmissão dos saberes a serem ensinados e quais as condutas a serem inculcadas à sociedade colonial brasileira.

Tanto Puentes (2010) quanto Hansen (2001) consideram em seus estudos que o *Ratio Studiorum* se tornou um importante instrumento cultural e que suas normas direcionavam qual modelo de mundo, de sociedade e de homem se pretendia formar, quais saberes deveriam ser ensinados, quais as condutas que

deveriam predominar, bem como quais comportamentos e práticas deveriam ser seguidos na colônia.

Na formação que ofereceram, os jesuítas procuraram manter a cultura portuguesa e formar uma elite letrada segundo os padrões da sociedade da corte metropolitana. Fizeram com que a união entre a espada e a Bíblia, o trono e o altar se mantivessem intactos durante o tempo em que aqui permaneceram.

Com referência ao tipo de educação ofertada pelos inicianos e que deixaram estigmas na formação cultural brasileira, Nunes (2006, p. 45) aponta que:

[...] a educação jesuítica que nos engendrou como uma nação e sociedade era marcadamente uma educação conservadora e reacionária [...] a educação para a obediência, para a disciplina, a educação retórica e memorística, a educação para a produção de corpos obedientes e servis, a anulação da originalidade pessoal, a resignação, a aceitação e a passividade são elementos éticos circunscritos ao modelo pedagógico jesuíta, restauracionista e conservador.

O autor evidencia aspectos sobre a educação desenvolvida pelos jesuítas e que marcaram a formação cultural do Brasil. Segundo ele, esse tipo de educação transplantada de Portugal era de caráter livresco, academicista e aristocrático, que contribuiu para a construção do poder na colônia, pois formou as camadas colonizadoras e coloniais.

Nunes (2006, p. 46) infere ainda que é dessa educação e sua consequente matriz cultural que deriva o *ethos* de nossa cultura retórica memorística do cultivo à obediência e aceitação, da defesa de ensinar como imposição de valores, da emulação e do cultivo do magistrocentrismo, da afirmação e produção de corpos obedientes.

Mesmo diante das críticas realizadas sobre o trabalho desenvolvido pelos jesuítas durante os séculos XVI e XVII no Brasil colonial, é necessário fazer referência ao papel desempenhado por eles que, oficialmente, exerceram a missão de cristianizar os novos povos encontrados, moldando-os de acordo com a cultura portuguesa e, dessa forma, passando a fazer parte da formação cultural brasileira.

2 O Sermão católico no século XVII e a sermonística de Vieira

Ao longo do século XVII, o sermão católico atingiu seu apogeu e, na maioria das vezes, ao ser proferido, tinha, como finalidade, veicular a propaganda ideológica de interesse da Igreja Católica e da Coroa portuguesa passando, assim, a desempenhar um relevante papel, tanto na Corte, quanto na sociedade colonial brasileira daquele século.

Nesse período, o sermão católico juntamente com o sacramento e o sacerdócio compunham a tríade utilizada pelos sacerdotes, inclusive pelo padre Antônio Vieira, para mediar entre o humano e o divino. Ele passa a organizar a fé do Novo Mundo e, ao transplantar o modelo de cultura portuguesa, tornou-se o suporte ideal para que se justificasse a colonização.

Hansen (2000, p. 36) relata a importância da oratória sacra nos períodos quinhentista e seiscentista da seguinte forma:

A oratória sacra foi um dos principais meios de exposição e debate de questões de interesse coletivo relacionadas a verdades canônicas da igreja e do Império. Por isso, nela, o lugar social do orador era um lugar de poder, extremamente eloquente e famoso, como aconteceu com Paravicino na corte espanhola do século XVI ou com Vieira e Bossuet, na corte portuguesa e francesa no século XVII.

O autor explicita o poder adquirido pela Igreja Católica, representada aqui pelos jesuítas, e do sermão que passa a ser um significativo instrumento teológico e político, justificando-se, assim, o papel desempenhado pelo padre Antônio Vieira, que, como homem do século XVII, foi, antes de tudo, um sacerdote de seu tempo, formado pela Companhia de Jesus e que, portanto, recebeu influências da retórica religiosa jesuítica.

Sobre esse aspecto, Pereira Junior (2013, p. 82) ressalta que:

Vieira representou um momento de maturidade do uso funcional da retórica religiosa, distante dos primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil recém-descoberto pelos portugueses, encenando e cantando peças teatrais para catequizar os índios. A homilética passa a entender que a adesão deve confirmar ou consolidar-se em conversão, e a opinião de um sacerdote deve ser incorporada pelos fiéis como certeza. Daí o cuidado com a consistência ao sermão ser equiparado, e em algum momento sobrepor-se, ao grande teatro de emoções do pregador diante da plateia.

De acordo com as afirmações desse autor, fica evidente a importância da retórica católica jesuítica e, conseqüentemente, dos sermões vieirenses para a formação cultural do Brasil colônia, observando que, se os primeiros jesuítas que chegaram aqui utilizaram o teatro como instrumento cultural, no tempo do padre Antônio Vieira, o teatro passa a acontecer nas apresentações de seus sermões, em que o púlpito se torna o palco que ele dominou com desenvoltura.

Em relação à intencionalidade do sermão de Vieira, Fernández (2008, p. 2) aponta que:

A retórica do jesuíta tanto é percebida como uma pregação de natureza espiritual, como de natureza política. Mais que uma forma de edificação moral e espiritual, o sermão de Vieira era também um instrumento de ação política e social, pois articulava seu pensamento em defesa de grandes causas como a já mencionada libertação dos índios.

Ainda de acordo com a autora, ele deixa evidente a pluralidade de vozes e concepções coexistentes em sua sermonística, revelando, assim, a existência de um Vieira-sacerdote, que luta pela liberdade dos índios no Maranhão, e de um Vieira-cortesão, dedicado a apoiar o rei, assumindo, por isso, uma posição política.

Pereira Júnior (2013, p. 79), descreve as apresentações dos sermões vieirense, da seguinte forma:

O pregador levanta o olhar, ergue as mãos num gesto teatral, recita textos sagrados a destilar argumentos de fé enquanto encara um ponto no horizonte em direção aos fiéis, como se não enxergasse ninguém em particular, mas todos de uma só vez.

Ele foi intensamente treinado durante sua formação com exercícios diários de memorização, recitação, experimentação e rotinização de gestos, expressões faciais e modulação de voz – os famosos tons (MENDES, 1989), desenvolvendo, assim, uma capacidade ímpar para elaborar e proferir sermões, como Pereira Júnior (2013) descreveu.

Nascimento (2007), chama a atenção ao fato de que, para se fazer uma leitura apropriada do sermonista Vieira, primeiro é necessário compreendê-lo dentro do pensamento e dos pressupostos filosóficos e teológicos do período, enfatizando a necessidade de se olhar o tempo em que viveu com os olhos do pregador.

Ainda, de acordo com o autor, ele era um homem da Igreja, um jesuíta. Seus sermões, conseqüentemente, eram papistas, monarquistas e anti-heréticos. O inaciano acreditava que sua voz era, segundo o Concílio de Trento, a forma, por excelência, de mediação das verdades da fé e, como jesuíta, concordava com a condenação da leitura individual da Bíblia defendida pelos protestantes. Seus discursos eram mobilizadores, sendo considerado como mestre da palavra persuasiva. Servia-se sempre da palavra como matéria prima da sua vida política (NASCIMENTO, 2007).

Os sermões vieirenses possuíam as três características que marcaram os sermões católicos no século XVII. Primeiro, eram universais, ou seja, serviam para qualquer lugar, em qualquer tempo, para qualquer cultura e etnia; segundo, eram doutrinários, pois possuíam como finalidade persuadir os fiéis sobre a necessidade de salvação e crença na fé católica e, por último, eram discursos prontos a combater e a vencer os inimigos da fé e, conseqüentemente, os inimigos de Deus.

3 O sermonista Vieira e o púlpito

As obras do padre Antônio Vieira revelam o contexto econômico, político, social e cultural que permeava a formação da cultura brasileira no século XVII. Seus sermões, no qual se inclui o sermão da Sexagésima, foram utilizados como instrumentos culturais e, pelo modo do jesuíta proferi-los, na maioria das vezes, tinha a finalidade de influenciar a Coroa Portuguesa e suas colônias, incluindo-se nelas o Brasil.

Ele organizou um estilo próprio para sua sermonística. Seus discursos evidenciavam recursos argumentativos que, pelo grande poder de persuasão, influenciou, de modo marcante, a religião, a literatura, a política e, culturalmente, a sociedade colonial brasileira no século XVII.

Segundo Margutti (2008, p. 168) suas obras revelam: “[...] um autor ao mesmo tempo moralista, político e filósofo da história, que expressa suas ideias através de uma elegante retórica”. O autor ressalta, ainda, que suas obras, além de revelar a personalidade do jesuíta, mostra ainda o contexto histórico da formação cultural brasileira no período seiscentista.

Sua sermonística estava associada ao sistema colonial e ao Barroco¹⁹. Essas duas categorias são fundamentais para a compreensão de seus discursos religiosos. Nascimento (2007, p. 143) estabelece que, como período histórico, o Barroco foi de 1580 a 1756. No Brasil, começou em 1601, ou seja, no início do século XVII, com o poema épico *Prosopopeia*, de Bento Ferreira (1560-1618) (NASCIMENTO, 2007, p. 143-145).

Segundo Nascimento (2007, p. 144), a religiosidade, no período em que predominou o Barroco, passa a ser ressaltada de forma expressiva, pois:

Contrariamente é arte do Renascimento que buscava o predomínio da razão sobre os sentimentos, no Barroco há uma exaltação dos sentimentos, a religiosidade é expressa de forma dramática, intensa, procurando envolver emocionalmente as pessoas.

Ao procurar envolver o seu público emocionalmente, Vieira desempenhou a função de consolidar os ideais propagados pela Igreja católica no período colonial, pois, em uma sociedade dominada pelo catolicismo, com pouca circulação de livros, suas pregações atingiam diretamente o povo dos mais variados lugares, exaltando a fé católica e transformando os templos em locais atraentes para os fiéis.

Antônio Vieira teve sua sermonística reconhecida pela sua eficácia em provocar reações nos mais variados tipos de auditório, como aponta Melo (2005, p. 85):

O sermonista Vieira persuadia e obtinha adesão da plateia graças à argumentação. Para os ouvintes, sua voz era a voz de Deus. Nesse sentido, o sermão é algo muito importante, pois, por meio dele, a palavra de Deus se revela ao mundo e faz história.

Como pregador fez uso da palavra escrita e falada como instrumento eficaz para agir, pois possuía uma capacidade singular de converter suas ideias em fortes argumentos teológicos. Sua habilidade como orador juntamente com sua extraordinária memória colaboravam para que suas pregações se constituíssem em importantes instrumentos para a formação da cultura brasileira no século XVII.

¹⁹ “O termo *barroco* denomina genericamente todas as manifestações artísticas dos anos 1600 e início dos anos 1700. Além da literatura, estende-se à música, pintura, escultura e arquitetura da época. Mesmo considerando o barroco como o primeiro estilo de época da literatura brasileira [...], na realidade ainda não se pode isolar a Colônia da Metrópole” (NICOLA, 1990, p. 191).

Duas correntes estético-estilísticas fizeram parte do Barroco no período em que Vieira elaborou e estruturou seus sermões. Foram elas, o Conceptismo²⁰ e o Cultismo, duas tendências que marcaram o estilo Barroco e que influenciaram os sermões vieirenses.

Em relação a essas duas correntes Jung (2008, p. 42) faz as seguintes considerações:

[...] O Cultismo e o Conceptismo eram dois estilos literários opostos que se desenvolveram nessa época na Espanha, passando depois para Portugal. A realidade abordava-se de duas maneiras diferentes: uma era sensorial e descritiva e outra conceptual; a atitude diante do ser como é? A outra indagava o que é? [...] o Cultismo preocupava-se com a forma, a riqueza e a ordem das palavras e seu principal fundamento estava voltado aos sentidos; o Conceptismo, por sua vez, tinha, como base de fundo, as ideias, deixando as palavras reduzidas ao indispensável e os escritos visavam atingir a inteligência.

Diante do exposto pelo autor, cabe ressaltar que, como o Barroco iniciou-se no Brasil no começo do século XVII, essas duas correntes – o Conceptismo e o Cultismo – passaram também a fazer parte da sociedade colonial brasileira.

Vieira desenvolveu sua sermonística sob a influência desses dois estilos literários. Mesmo considerado por estudiosos e pesquisadores de suas obras como um autor predominantemente conceptista, ele soube como poucos se aproveitar, de uma forma inteligente, das ambivalências entre ambas para desenvolver seus sermões.

Segundo Araujo (1998, p. 1-2), observa-se no iniciano um caráter polêmico e que, na medida em que se envolvia nos destinos de Portugal cada vez mais sedimentava sua afinidade com o púlpito, devendo ser reconhecido como “o precursor do uso da tribuna católica para imprecizações políticas e ideológicas”.

Durante o século XVII, o púlpito passou a ser muito valorizado pela Igreja, tornando-se, dessa forma, um local privilegiado para que Vieira realizasse suas pregações, tanto de natureza espiritual quanto de natureza política. Seus sermões se transformaram não só em instrumentos de edificação moral e espiritual, como também serviram para que atuasse política e socialmente, defendendo grandes causas como a libertação dos escravos índios e africanos.

²⁰ O Conceptismo é marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico, racionalista, que utiliza uma retórica aprimorada, e a organização da frase obedece a uma ordem rigorosa, com o intuito de convencer e ensinar.

Portanto, o padre Antônio Vieira desponta como grande pregador na galeria de oradores sacros ao utilizar o púlpito como instrumento para atingir seu objetivo: que sua retórica sagrada catequizasse, convencesse e doutrinasse seus ouvintes. Desse modo, o púlpito se tornou um local privilegiado para alcançar seus objetivos contra seus adversários e propagar suas ideias políticas.

Ele possuía habilidade para falar, e era homem de cultura e de fé. Falava bem e convictamente, colocando em seus discursos o coração, a inteligência e a vontade a serviço da missão da Ordem religiosa à qual pertencia. Exerceu, dessa forma, toda sua autoridade por ser legitimado pela Igreja Católica como intérprete fiel do Evangelho, um representante da palavra divina.

É importante tecer considerações sobre Gregório de Matos Guerra,²¹ literato brasileiro que, juntamente com Antônio Vieira, representou o pensamento brasileiro no século XVII .

Cada um atendia a diferentes vertentes ao escreverem suas obras e expressá-las, Antônio Vieira com seus sermões defendia os interesses da Companhia de Jesus, ordem religiosa a qual pertencia. E Gregório de Matos ao unir a sátira à religiosidade, criticava e atacava a sociedade brasileira colonial, conforme constata Margutti (2008, p.275):

Os fidalgos brasileiros são criticados pela sua arrogância e pela tola afetação de aristocracia os lusitanos são criticados pela sua malícia e pela ganância ao aproveitar-se do trabalho dos brasileiros. Os padres e as freiras são criticados pela vida altamente irregular que levam na Colônia. Os mulatos são criticados por aspirarem a muito mais que o permitido pelas suas origens raciais inferiores.

Como o autor explicita acima, Gregório de Matos muitas vezes usava de atitudes ambivalentes em suas obras, pois a todos os segmentos da sociedade luso brasileira tencionava atingir, criticava a tudo e a todos. O que evidencia que em vários momentos de sua vida, o intelectual baiano vivia um conflito existencial ligado à visão cristã de mundo.

²¹ Gregório nascido entre 1633 e 1636 em Salvador/BA, morreu em 1696 em Recife/PE. Filho de uma família rica, seu pai era um fidalgo português e sua mãe uma brasileira, cursou humanidades com os jesuítas da Bahia e se formou em Direito pela Universidade de Coimbra. Produziu uma grande e diversificada obra, porém nada publicou em vida, ainda que seus poemas circulassem entre o povo, de forma oral ou em manuscritos. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/02/18/1082963/conheca-vida-gregorio-matos-e-baixei-sua-obra-gratuitamente.html>. Acesso em 01 out. 2015).

4 O Sermão da Sexagésima como instrumento cultural no século XVII

Padre Antônio Vieira, em seu tempo, desempenhou um importante papel na sociedade colonial brasileira do século XVII, contribuindo, de forma significativa, para sua formação cultural. Sobre o assunto, Amora (2006, p. 10) faz o seguinte esclarecimento:

Vieira foi, sem contestação, uma das maiores figuras do século XVII e o foi não apenas como escritor e como pregador que dominava, com invulgar talento, a arte de escrever e de falar, mas também como inteligência, capaz de compreender os grandes problemas religiosos, morais, políticos e econômicos de sua época, e como homem de ação. Daí não ser possível entender e avaliar a cultura brasileira de seu tempo, sem o conhecimento de sua vida e de sua obra.

Em relação à obra vieirense, o autor afirma que:

[...] a obra de Vieira não é um documento importante apenas para a compreensão destes problemas, também o é na medida em que nos fornece um retrato (não importa que com algumas deformações críticas e satíricas) de nossa sociedade da época, que ele mostrou dominada pela ambição econômica, pela insensibilidade ante o sofrimento escravo, pelo espírito de intriga e calúnia, pelo abuso do poder, pelo jogo de interesses pelo relaxamento dos costumes (AMORA, 2006, p. 10).

Nessa perspectiva, o Sermão da Sexagésima é considerado como um significativo e rico instrumento de evangelização e de difusão cultural entre a população brasileira no século XVII. Pois, mesmo não tendo sido proferido em terras brasileiras, nele o jesuíta trata, dentre outras questões, a dos indígenas do Maranhão, ao buscar as causas do fracasso da palavra de Deus aqui na colônia, denotando, assim, preocupação com os resultados insatisfatórios.

Segundo Carvalho (2013, p. 120) o sermão da Sexagésima é:

[...] um sermão vieirano completo, religioso, moral e político, que tece uma elaborada teia, repleta de críticas, mas, sobretudo de argumentos, os quais são apresentados de forma clara e convincente como é o dever de um bom sermão.

Com seu sermão ele pretendia buscar o apoio do rei no sentido de poder combater os colonos no Brasil. Ao iniciá-lo o pregador apresenta e insere os problemas da perseguição dos jesuítas na província do Maranhão:

[...] a maior é a que se tem experimentado na seara aonde fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores, se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado [...] Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas, houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas matou somente a sede com orvalho que lambia das folhas (VIEIRA, 1965, p. 2).

Ao pregar o Sermão em Portugal, precisou explicar as dificuldades encontradas no Brasil para que pudesse ser entendido pelos que o ouviam. Assim, ao se analisar seu discurso, pode-se ter ideia de como era constituído o cenário social e cultural e a natureza inóspita enfrentada pelos missionários. O pregador constrói o cenário da época em que viveu: o grande rio Amazonas e suas armadilhas, as matas imensas e fechadas em que se perdiam os seus exploradores passando sede e fome e contraindo doenças, enfrentando, além de tudo isso os antropófagos que aqui existiam.

O sermônista usa a metáfora para explicar e comover aqueles que o ouvem. Assim, fala da seara distante, daqueles que enfrentam o desconhecido com seus sofrimentos, relaciona o semeador bíblico com os semeadores evangélicos do Maranhão e fala das dificuldades encontradas para a frutificação das sementes e dos sofrimentos desses missionários. Ele não deixa espaço para deduções, utiliza-se da exemplificação como elemento dominante para a atenção dos ouvintes.

Ao proferir seu sermão, o jesuíta além de buscar soluções para os problemas relacionados à missão maranhense com as populações indígenas exploradas economicamente por colonos e proprietários de terra, critica o trabalho desenvolvido pelos dominicanos,²² seus adversários na tarefa missionária:

²² A *Ordo Praedicatorum*, vulgarmente conhecida por Ordem Dominicana (herança do nome do seu fundador), teve origem num grupo de homens orientado por Domingos de Gusmão, que se reuniu numa propriedade herdada por Pedro Seila, que integrava aquela comunidade, no ano de 1215, em Toulouse (on line, <http://www.snpcultura.org/dominicanos_historia_e_presenca_portugal.html>, acesso em 10 ago. 2015).

[...] Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear há outros que semeiam sem sair. Os que saem são os que vão pregar á Índia, à China, ao Japão; os que pregam sem sair são os que se contentam em pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta, aos que tem a seara em casa, pagar-lhe-ão a semente, aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semente e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço, os de lá, com mais passos: *Exiit seminare* (VIEIRA, 1965, p. 1).

Nessa parte do sermão, ele citou os verbos semear e sair com a finalidade de aplicá-los aos missionários que vão a outras terras, inclusive ao Brasil, semear o evangelho aos nativos, afirmando que Deus irá recompensá-los pelos “passos”, ou seja, pelas distâncias percorridas e pelos resultados obtidos na conversão dos infiéis.

Em relação aos que semeiam sem sair, Vieira se refere aos pregadores dominicanos, que, segundo o jesuíta, ao pregarem nos palácios dos reis, portanto no “paço”,²³ serão cobrados por Deus pelo resultado de seu trabalho.

Nesse sermão proferido por Vieira são identificados dois tipos de pregadores, aqueles que ficam em Portugal, no caso os dominicanos, e aqueles que saem como missionários a outras terras, os jesuítas. Atente-se aqui para a oposição criada por Vieira, por meio da aliteração das palavras: “Paços” e “Passos”, com a finalidade de caracterizar os dois tipos de pregadores, aqueles que semeiam sem sair, no caso os dominicanos, e aqueles que saem sem voltar, os membros da Companhia de Jesus.

O jesuíta deixa também transparecer que o trabalho do pregador é árduo e que, muitas vezes, há a vontade de abandonar a messe, o trabalho evangelizador, mas a obstinação se faz presente surgindo, então, os frutos. Observa-se esse fato nesta passagem:

Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda, continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum* (VIEIRA, 1965, p. 2).

Portanto, o sermão se tornou um importante tratado de retórica jesuítica em que Vieira insiste em persuadir seus ouvintes ao tratar da questão do Maranhão. Seu discurso não foi desprovido de intencionalidade, pois nele o jesuíta expressou

²³ Paço é o nome dado a certos palácios, ou outros imóveis, usados como residências oficiais; palácio de um rei; sede de uma câmara municipal ou prefeitura (<http://www.dicionarioinformal.com.br/pa%C3%A7o/>).

seu posicionamento com a finalidade de convencer seu público, e para isso fez uso da arte retórica.

No contexto até aqui apresentado, Melo (2005, p. 12) aponta que:

[...] o Sermão da Sexagésima é uma exposição doutrinária e um exemplo modelar de pregação. Revela simplicidade, elegância, além de fazer uso de uma multiplicidade de imagens sensoriais e ornamentais. Nele Vieira subordina a arte de pregar a sua experiência eclesial evangélica, confirmando seu desempenho como missionário, visionário e político, e sua permanente intenção de converter seus ouvintes.

Antônio Vieira era um homem de seu tempo e sua ação era direcionada pela mentalidade da época. O sermão foi considerado como um instrumento para transmissão não apenas dos valores religiosos, mas também das questões sociais que permeavam a sociedade colonial daquele período, transformando-se em um instrumento de mobilização política.

Ele foi um importante personagem histórico da Companhia de Jesus, que, com suas obras e discursos, mostrou aspectos importantes da formação social, cultural e política no Brasil colônia. Por pertencer a essa Ordem religiosa, ter sido formado em seus colégios seguiu os princípios inacianos, destacando-se na Ordem por suas habilidades intelectuais, sua tendência para a pregação oral, utilizando-a como instrumento privilegiado para a divulgação da Palavra de Deus.

Vieira, como era comum em seu tempo, utilizou o Sermão da Sexagésima como instrumento para transmitir não apenas valores religiosos, mas também elementos que contribuíram para a formação cultural da sociedade brasileira no século XVII. Seu sermão ajustou-se às necessidades daquele momento histórico e com o ideário do homem ao qual se pretendia formar para atender o novo modelo de sociedade que surgia: hierarquizada e doutrinada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o estudo sobre o Sermão da Sexagésima como ferramenta pedagógica e de mobilização política e social não é suficiente fazer apenas um recorte do contexto histórico do período em que Antônio Vieira viveu e pregou seus sermões. É também necessário realizar um estudo bibliográfico sobre o percurso histórico-cultural da retórica cristã, iniciando pela retórica clássica aristotélica, já que foi essa que serviu de subsídio para a construção dos sermões.

Destaca-se a contribuição de Cícero e Quintiliano, dois grandes mestres da retórica latina, que influenciaram Vieira na realização de seus sermões. O jesuíta não apenas abarcou todas as qualidades necessárias a um bom orador elencadas por Cícero, como também foi treinado em sua formação jesuítica a desenvolver a *memória*, importante recurso criado por Quintiliano.

As contribuições de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, como representantes da retórica cristã na Idade Média, são notáveis na medida em que Antônio Vieira, ao elaborar seus sermões, era fiel às escrituras sagradas, e tratava com desenvoltura e firmeza as questões sociais que envolviam aspectos políticos e religiosos como recomendava Santo Agostinho.

Em relação a São Tomás de Aquino, é essencial destacar que suas obras fundamentaram a formação de Antônio Vieira na Companhia de Jesus, uma vez que esse pensador da Idade Média, declarado doutor da Igreja Católica, contribuiu para a solidificação da retórica cristã.

A Reforma religiosa ocorrida com o advento da modernidade, fez com que ocorressem profundas transformações nos quadros da economia, da cultura, da política e da sociedade em geral. No campo religioso, a Igreja passou a acumular contra si inúmeros desafetos e críticas ocorridos em um período conturbado para o cristianismo católico. Levando esta a reagir por meio do movimento da Contrarreforma, que buscava, sobretudo, preservar a ortodoxia católica e autoridade do papa.

Com a finalidade de combater o avanço do movimento protestante e de disseminar o catolicismo em outros países, algumas medidas foram tomadas pela Igreja Católica, como a reativação da Inquisição e a convocação do Concílio de Trento (1545-1563). Isso refletiu na formação social, cultural e política dos países

que tiveram a intervenção da Igreja Católica, e refletiu também de forma direta na vida de Antônio Vieira no século XVII. O jesuíta foi julgado pela Inquisição como suspeito de heresia no ano de 1649, e no que se refere ao Concílio de Trento, cabe destacar que a reafirmação dos dogmas católicos e a reativação da retórica influíram na vida de Vieira, pois ele utilizou a retórica como importante instrumento para desenvolver suas habilidades na pregação oral.

Com a Contrarreforma da Igreja Católica ocorreu a criação da Companhia de Jesus, ordem religiosa a qual pertenceu. Essa Ordem tinha uma rígida disciplina, que aliada à obediência e à hierarquia compunham o tripé que enraizou a proposta pedagógica dos jesuítas, e esses se tornaram os representantes da cultura e da educação na época em que Vieira viveu.

Os jesuítas tiveram papel fundamental na formação da cultura brasileira, cuja finalidade foi de transmitir, preservar e impor a cultura portuguesa nas Novas terras encontradas. Assim se tornaram os únicos responsáveis pela educação formal no Brasil colônia durante o tempo em que aqui permaneceram, quase dois séculos.

Logicamente isso influenciou na cultura e na formação social e política brasileira, pois os índios que aqui viviam foram forçados a aprender o idioma e os costumes trazidos pelos estrangeiros, e foram catequizados. Portanto, o processo de colonização foi baseado no eurocentrismo e na religião católica, e para isso os sermões foram às ferramentas utilizadas para a evangelização e para a educação, ou seja, foram instrumentos pedagógicos dos quais os jesuítas se apropriaram tanto para atuar na corte quanto na colônia, comovendo e convencendo seus ouvintes.

Vieira atuou em conformidade com as exigências impostas pela Ordem à qual seguia. Como jesuíta, cumpriu sua função educadora e evangelizadora, tanto dos índios como dos colonos portugueses. Não se pode deixar de observar que para uma leitura apropriada de seus sermões é necessário compreendê-los dentro do pensamento filosófico e teológico do período.

Vieira se apropriou da estrutura peculiar do discurso cristão, ou seja, seus sermões eram fundamentados em inúmeras figuras estilísticas, dentre elas: a metáfora e a alegoria. Por serem carregadas de significados, recorriam à imaginação com um caráter bem específico no plano da argumentação, e um forte apelo retórico, cuja finalidade era persuadir o seu público ouvinte. E essa forma de realizar o sermão está evidente no Sermão analisado nesta dissertação, o da Sexagésima.

Mesmo sendo muito religioso, Vieira, através do Sermão da Sexagésima, tinha a intenção de convencer seus ouvintes para um saber além do cristão, um saber que viesse determinar uma transformação histórica, cultural e social.

Diante do que foi apresentado nesta dissertação, fica evidente a importância do sermão como ferramenta pedagógica e de mobilização política e social e sua contribuição para formação cultural brasileira no século XVII, ainda que de forma imposta à cultura brasileira, e não necessariamente respeitando os costumes e a cultura do país.

É necessário, ainda, salientar que outros estudos poderão se aprofundar nos aspectos abordados ou em outros não contemplados, pois, por sua riqueza, o Sermão da Sexagésima pode criar novas leituras e interpretações em outros campos do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- AMORA, Antônio Soares. **Sermões, problemas sociais e políticos do Brasil**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. A razão de estudos e a razão política: um estudo sobre a *Ratio Studiorum*. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 22, n. 1, 2000. p. 181-187.
- ARAUJO, Jorge de Souza. Antônio Vieira e a paranética religiosa. **Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de estudos Portugueses**. v. 2, 1998. Disponível em: <<http://www.lettras,puc-rio.br/unidade&nucleos/catedra/revevista/2Sem.03.html>>. Acesso em: 03 out. 2013.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa; tradução e nota introdutória de Raimundo Vier; Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.**
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CARVALHO, Maria Fernanda Silva de. O discurso vieiriano no sermão da Sexagésima. **UOX – Revista Acadêmica de Letras-Português**, n. 01, 2013. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 113-121.
- CASSEB, Maria José Bueno. **Vieira e os excluídos do Reino de Deus: protestantes, negros e mulheres**. 2006. 168 fls. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 2002.
- COELHO, Fábio Ulhoa. Prefácio à primeira edição brasileira. In: PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FERNÁNDEZ, Karina de Freitas Silva. A arte retórica de Padre Antônio Vieira. Espéculo. **Revista de Estudos Literários**. Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <<http://www.uem.es/especulo/numero37/vieira.html>>. Acesso em: 03 out. 2013.
- FILHO, Nelson Rodrigues. Padre Antônio Vieira: dizer e agir. **Semear: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses**. v. 2, 1998. Disponível em:

<http://www.lettras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/2Sem_06.html>
Acesso em: 03 out. 2013.

GONÇALVES, José Mario. **Religião e violência na África Romana**: Agostinho e os Donatistas. 2009. 128 Fls. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

JUNG, Roberto Teodoro. **Retórica e pregação Religiosa no Sermão da Sexagésima do Padre Antônio Vieira**. 2008. 164 fls. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2008.

HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 19-41.

_____. *Ratio Studiorum* e a política ibérica católica no século XVII. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia Spedo (orgs). **Brasil 500 anos**: Tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 13-41.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; FERREIRA JUNIOR, Amarildo; BITTAR, Marisa; HAYASHI, Carlos Roberto Massao. **A obra do Padre Antônio Vieira na agenda das pesquisas acadêmicas no Brasil**. ETD – Tem. Dig., Campinas, v. 14, n. 1, p. 96-120, jan./jun. 2012.

LUZ, Leandro Tadeu Alves da. A arte oratória no sermão da Sexagésima: como o padre Antônio Vieira nos ensina a falar em público. **Sinergia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 153-159, maio/ago, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos à Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MARGUTTI, Paulo Roberto Pinto. O padre Antônio Vieira e o pensamento filosófico brasileiro. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, v. 35, n. 112, 2008.

MEKSENAS, Paulo. Educação, política e militância no jesuíta Antônio Vieira. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 49-75, maio/ago. 2007.

MELO, Sangia. **Argumentação e persuasão**: “O Sermão da Sexagésima” do Padre Antônio Vieira. 2005. 138 Fls. Dissertação (Mestrado em Literatura). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

MENDES, Margarida Vieira. Estética e Memória no Padre Antônio Vieira. **Colóquio Letras**, n. 110/111 (Jul. 1989), p. 24-33, Fundação Calouste Gulbenkian.

MURARO, Valmir Francisco. **Padre Antônio Vieira**: retórica e utopia. Florianópolis: Insular, 2003.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **Um mestre no ofício**: Tomás de Aquino. São Paulo: Paulus, 2011.

NASCIMENTO, Rodson Ricardo Souza de. **O púlpito como cátedra**: retórica e educação nos sermões do Pe. Antônio Vieira (1608-1697). 2007. 216 fls. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

NETO, Pasquale Cipro. Anafóricos e catafóricos. 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2207200406.htm>. Acesso em 08 de out. 2015.

NICOLA, José de. **Língua, Literatura & Redação**. v. 1. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

NUNES, César. Economia, educação e sociedade: matrizes políticas e estigmas culturais da administração escolar no Brasil. **Revista HISTEDBR**. On line. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art6_22e.pdf> Acesso em: 14 fev. 2015.

OLIVEIRA, Amanda Melissa Bari ano de. **Educação e religião no Brasil do século XVII**: Padre Antônio Vieira e a escravidão. 2012. 98 fls. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

OLIVEIRA, Lucimara de. **O Sermão da Sexagésima**: uma arena de vozes. 2007. 142 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. Tradução: Domingos Armando Donida. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PAIVA, José Maria de. **Educação e Cultura a sociedade brasileira nos séculos XVI e XVII**. Comunicações (UNIMEP), ano 6, n. 2, 1999, p. 60-67.

PÉCORA, Alcir. Retórica de uma biografia: padre Antônio Vieira por João Lúcio de Azevedo. In: **Revista Chilena de Literatura** (on line) Disponível em: <<http://www.revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/viewFile/30192/31960>> Acesso em 14 fev. 2015.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A retórica do pregador**. Notandum 33, set-dez 2013, CEMOrOC-Feusp/IJI-Universidade do Porto.

PUENTES, Roberto Váldez. A instrumentalidade Cultural da didática jesuítica: uma análise do Ratio Studiorum. In: **Cadernos de História da Educação**. v. 9, n. 72 – jul./dez. 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, patrística e escolástica**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

REBOUL, Olivier. **Introdução á retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SAVIANI, Dermeval. Educação e colonização: as ideias pedagógicas no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **História e memórias da Educação no Brasil**. v. I – séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 121-130.

SAYÃO, Luiz. **Bíblia Sagrada**. King's Cross Publicações, São Paulo, 2006.

SILVA, José Carlos. **Os primórdios do Ensino de Filosofia no Brasil**: uma necessidade histórica na formação do agente religioso. Curitiba: Intellectus, 2012.

SILVA, Lucas Nascimento. **O orador Jesus Cristo e suas técnicas argumentativas**: um estudo retórico no sermão do monte. 2013. 128 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. **Entre a Cruz e a Espada**: Jesuítas e a América Portuguesa. 1995. 166 fls. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

VAINFAS, Ronaldo. **Antônio Vieira**: jesuíta do rei. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Vieira, o incansável**. 2015. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/vieira-o-incansavel>. Acesso em 20 out. 2015.

VIEIRA, Antônio. **Sermões Escolhidos** – Sermão da Sexagésima. São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em: 03 out. 2013.